



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS - POLÍTICAS PÚBLICAS

**O PAPEL DA MÍDIA NA CONSTRUÇÃO E MANUTENÇÃO DO RACISMO
ESTRUTURAL NA SOCIEDADE BRASILEIRA**

VITÓRIA SIQUEIRA DA SILVA

Goiânia - GO

Agosto de 2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Vitória Siqueira da Silva

Título do trabalho: O Papel da mídia na construção e manutenção do racismo estrutural na sociedade brasileira

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Vitória Siqueira Da Silva, Usuário Externo**, em 06/11/2023, às 12:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de](#)



Documento assinado eletronicamente por **Luiz Mello De Almeida Neto, Professor do Magistério Superior**, em 06/11/2023, às 13:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4173027** e o código CRC **E6BCB2AB**.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS – POLÍTICAS PÚBLICAS

**O PAPEL DA MÍDIA NA CONSTRUÇÃO E MANUTENÇÃO DO RACISMO
ESTRUTURAL NA SOCIEDADE BRASILEIRA**

Monografia apresentada como pré-requisito para a aprovação na disciplina Trabalho Final de curso II, do curso de Bacharelado em Ciências Sociais – Políticas Públicas.

Orientador: Luiz Mello de Almeida Neto

Goiânia - GO
Agosto de 2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Silva , Vitória Siqueira da

O papel da mídia na construção e manutenção do racismo estrutural na sociedade brasileira [manuscrito] / Vitória Siqueira da Silva . - 2023. LXIV, 64 f.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Mello de Almeida Neto .

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Ciências Sociais: Políticas Públicas, Goiânia, 2023.

Bibliografia. Anexos. Apêndice.

Inclui siglas, fotografias, abreviaturas, tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Racismo Estrutural. 2. João Alberto Silveira Freitas . 3. Mídia . 4. Folha de São Paulo . 5. Estadão . I. Neto , Luiz Mello de Almeida, orient. II. Título.

CDU 316



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos trinta e um dias do mês de agosto do ano de 2023 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “O Papel da mídia na construção e manutenção do racismo estrutural na sociedade brasileira”, de autoria de Vitória Siqueira da Silva, do curso de Bacharelado em Ciências Sociais - Políticas Públicas, da Faculdade de Ciências Sociais da UFG. Os trabalhos foram instalados pelo Prof. Dr. Luiz Mello de Almeida Neto (FCS/UFG) com a participação do membro da Banca Examinadora: Prof. Dr. Cleito Pereira dos Santos (FCS/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de 9,5 (nove e meio), tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Luiz Mello De Almeida Neto, Professor do Magistério Superior**, em 31/08/2023, às 15:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cleito Pereira Dos Santos, Professor do Magistério Superior**, em 31/08/2023, às 16:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4005080** e o código CRC **BFD78B91**.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, a Deus, que fez com que meus objetivos fossem alcançados, durante toda essa trajetória, e claro eu queria agradecer a mim mesma por não ter desistido.

Aos meus familiares, em especial meus pais, Luzia e Luiz, meu irmão Luiz Fernando e à minha madrinha Solange por todo o apoio e incentivo nesses anos de graduação, principalmente nos momentos difíceis.

Aos meus colegas de curso, por compartilharem comigo inúmeros momentos de descobertas e aprendizado e por todo o companheirismo durante este percurso.

Aos meus amigos, Wendel, Alice e Mariana por toda convivência, amizade, carinho e companheirismo desde o início.

E, ao meu orientador, Luiz Mello, pela compreensão, paciência e apoio.

Além disso, gostaria de estender meus agradecimentos à Universidade Federal de Goiás que me proporcionou essa jornada educacional enriquecedora. Aos docentes que compartilharam seu conhecimento e dedicaram seu tempo para me orientar e inspirar, meu profundo agradecimento.

Também quero expressar minha gratidão a todas as pessoas que cruzaram meu caminho e contribuíram de alguma forma para o meu crescimento pessoal e acadêmico. Cada conversa, cada desafio superado e cada lição aprendida foram fundamentais para meu desenvolvimento.

Por fim, gostaria de agradecer a todos que acreditaram em mim e me encorajaram a persistir em busca dos meus objetivos. Suas palavras de incentivo foram um combustível precioso em minha jornada. Com todo esse apoio e dedicação, sei que o sucesso não é apenas meu, mas de todos aqueles que contribuíram para que eu chegasse até aqui.

Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar.

(Nelson Mandela)

Resumo

É surpreendente como, mesmo nos dias de hoje, ainda existem preconceitos arraigados na sociedade brasileira. É ainda mais preocupante constatar que há indivíduos que não reconhecem a importância dessa questão e não se sentem obrigados a se preocupar com ela. É crucial que nos conscientizemos sobre a gravidade da discriminação, pois ela causa sofrimento e angústia nas pessoas, e prejudica o avanço de uma nação. Para ilustrar esse problema, basta observar que a cada 23 minutos um jovem negro é vítima de homicídio no Brasil. O objetivo deste estudo é analisar como a mídia contribui para a perpetuação do racismo estrutural no país. Consideramos a mídia como uma ferramenta importante na informação da população, pois é através dela que as pessoas adquirem conhecimento, formam opiniões e moldam sua visão de mundo. Nesse sentido, pretendemos examinar o caso de João Alberto Silveira Freitas e como a mídia o retratou. Para isso, analisaremos o conteúdo produzido pelos jornais Folha de São Paulo e Estadão em relação a esse assunto entre os dias 19 de novembro de 2020 e 19 de março de 2021 com a amostra de 195 matérias. Além disso, nosso trabalho também buscou investigar como a mídia contribui para a cultura de impunidade e a manutenção das estruturas racistas. Por fim, discutimos possíveis estratégias para combater o racismo por meio da mídia e destacamos as principais ações que as pessoas podem adotar para minimizar seus efeitos negativos.

Palavras-chave: Racismo Estrutural; Estereótipos raciais; João Alberto Silveira Freitas; Mídia; Estadão; Folha de São Paulo

Resumen

Es sorprendente cómo, incluso en la actualidad, todavía existen prejuicios arraigados en la sociedad brasileña. Es aún más preocupante constatar que hay individuos que no reconocen la importancia de esta cuestión y no se sienten obligados a preocuparse por ella. Es crucial que tomemos conciencia de la gravedad de la discriminación, ya que causa sufrimiento y angustia en las personas y perjudica el avance de una nación. Para ilustrar este problema, basta con observar que cada 23 minutos un joven negro es víctima de homicidio en Brasil. El objetivo de este estudio es analizar cómo los medios de comunicación contribuyen a la perpetuación del racismo estructural en el país. Consideramos a los medios de comunicación como una herramienta importante en la información de la población, ya que a través de ellos las personas adquieren conocimiento, forman opiniones y moldean su visión del mundo. En este sentido, pretendemos examinar el caso de João Alberto Silveira Freitas y cómo los medios de comunicación lo retrataron. Para ello, analizaremos el contenido producido por los periódicos Folha de São Paulo y Estadão en relación con este tema entre el 19 de noviembre de 2020 y el 19 de marzo de 2021, con una muestra de 195 artículos. Además, nuestro trabajo también buscó investigar cómo los medios de comunicación contribuyen a la cultura de impunidad y al mantenimiento de las estructuras racistas. Por último, discutimos posibles estrategias para combatir el racismo a través de los medios de comunicación y destacamos las principales acciones que las personas pueden adoptar para minimizar sus efectos negativos.

Palabras clave: Racismo Estructural; Estereotipos raciales; João Alberto Silveira Freitas; Medios de comunicación; Estadão; Folha de São Paulo.

Abstract

It is surprising how, even in today's society, deep-rooted prejudices still exist in Brazilian society. It is even more concerning to note that there are individuals who fail to recognize the importance of this issue and do not feel obligated to be concerned about it. It is crucial that we become aware of the gravity of discrimination as it causes suffering and anguish for people and hinders a nation's progress. To illustrate this problem, one only needs to observe that every 23 minutes a young black person falls victim to homicide in Brazil. The objective of this study is to analyze how the media contributes to the perpetuation of structural racism in the country. We consider the media as a crucial tool in informing the population, as it is through the media that people acquire knowledge, form opinions, and shape their worldview. In this sense, we intend to examine the case of João Alberto Silveira Freitas and how the media portrayed him. To do this, we will analyze the content produced by the newspapers Folha de São Paulo and Estadão regarding this matter between November 19, 2020, and March 19, 2021, with a sample of 195 articles. Additionally, our work also sought to investigate how the media contributes to a culture of impunity and the maintenance of racist structures. Finally, we discuss possible strategies to combat racism through the media and highlight the main actions that people can take to minimize its negative effects.

Keywords: Structural Racism; Racial Stereotypes; João Alberto Silveira Freitas; Media; Estadão; Folha de São Paulo.

Lista de siglas e abreviações

CDC - Código de Defesa do Consumidor

FSP - Folha de São Paulo

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

OBL - Observatório do Legislativo Brasileiro

OESP - O Estado de São Paulo

ONU - Organização das Nações Unidas

RS - Rio Grande do Sul

SP – São Paulo

Lista de figuras e tabelas

TABELA 1 – Estatística descritiva

TABELA 2 - Teste binomial dos dados coletados pela autora

TABELA 3 - Caráter da notícia (Jornal Folha de S. Paulo)

TABELA 4 – Caráter da notícia (Jornal Estadão)

ANEXO 1 – Capa Jornal Folha de S. Paulo

ANEXO 2 – Capa Jornal Estadão

ANEXO 3 – Capa Jornal Folha de S. Paulo

APENDICE – Tabela de dados coletadas pela autora

Sumário

Introdução	11
1. A construção social da raça: entendendo o racismo como um fenômeno complexo	16
2. Existe racismo no Brasil?	22
3. A mídia como agente perpetuador do racismo estrutural: uma análise crítica	27
4. Estudo de caso: A influência dos meios de comunicação no caso João Alberto Silveira Freitas	31
5. Tendências e enfoques: Análise das reportagens da Folha de São Paulo e Estadão sobre o caso João Alberto Silveira Freitas	35
Considerações Finais	45
Referências	50
Anexos	52
Apêndice	56

Introdução

A trajetória do Brasil revela um país caracterizado por profundas disparidades sociais. Em vez de celebrar as diferenças entre grupos e indivíduos, tais distinções são muitas vezes julgadas e categorizadas em termos hierárquicos. Um dos aspectos dessa realidade é conhecido como racismo, um problema antigo e violento que também se revela complexo. Todos os tipos de preconceito e discriminação são baseados nas diferenças entre as pessoas. Essas práticas racistas surgiram da degradação das diferenças, que poderiam ser consideradas riqueza coletiva. O racismo continua vitimando negros até hoje, tendo suas raízes na chamada ciência das raças ou raciologia. Visto que:

Conforme Hasenbalg (1979), Nascimento (1978), Cashmore (2000), Hall (2003), Munanga (2004) e Moura (1990), dentre outros, a raça definitivamente não é um conceito regularizado pela Biologia e, com certeza, padece de influências sociopolíticas no constructo ideopolítico, promovendo a manutenção das desigualdades e regalias sociais. (DE CARVALHO; DA SILVA; GAMA, 2022, p.03).

A raciologia é uma abordagem que tenta categorizar grupos humanos com base em características físicas, como cor da pele. No entanto, é importante ressaltar que esta não possui fundamentos científicos sólidos. Estudos genéticos demonstraram que as diferenças genéticas entre as chamadas “raças” humanas são insignificantes em comparação com as semelhanças. O conceito de raça foi historicamente utilizado para justificar discriminação e preconceito, mas a ciência atual destaca que somos todos uma única espécie humana, com uma incrível diversidade cultural, mas com base genética compartilhada. Portanto, é essencial rejeitar a raciologia e promover uma visão inclusiva e igualitária da humanidade.

O cerne do problema não é a raça em si, mas sim as representações dessa palavra e a ideologia dela derivada. O racismo tem origem na dominação imposta pelos colonizadores sobre as populações nativas dos países colonizados. O atual Ministro de Estado dos Direitos Humanos e Cidadania, Silvio Almeida¹, diz que racismo é diferente de preconceito e discriminação racial. Ele diz que o racismo consiste em discriminar pessoas ou grupos com

¹ Doutor em Direito pelo Departamento de Filosofia e Teoria Geral do Direito da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (Largo São Francisco). Mestre em Direito Político e Econômico pela Faculdade de Direito da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e atual Ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil. Disponível em: <https://eaesp.fgv.br/pessoa/silvio-luiz-almeida>. Acesso em: 10/06/2023.

base em suas características físicas e étnicas. Essa forma de discriminação pode resultar em exclusão, segregação e opressão, manifestando-se no espaço, na cultura e na sociedade. Considerando que, de acordo com ele:

“Assim, a desigualdade racial é uma característica da sociedade não apenas por causa da ação isolada de grupos ou de indivíduos racistas, mas fundamentalmente porque as instituições são hegemônicas por determinados grupos raciais que utilizam mecanismos institucionais para impor seus interesses políticos e econômicos.” (ALMEIDA, 2019, p. 27).

Antes de tudo, é importante deixar claro o conceito de racismo estrutural. Entende-se por ele, o conjunto de práticas, seja de caráter institucional, histórico, cultural, social que estruturam uma sociedade e posicionam, de maneira metódica, um estipulado grupo racial e/ou étnico em posição inferior aos outros. Segundo Almeida (2019), o racismo sempre é de caráter estrutural, em outras palavras, ele integra a organização econômica e política da sociedade de forma inescapável.

[...] racismo é a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade. O racismo, afirma, fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea. (ALMEIDA, 2019, p. 12).

Em 2020, além da pandemia de COVID-19 que assolou a população em todo o mundo, também se destacou o combate ao racismo estrutural. O ponto de partida desse movimento foi a morte de George Floyd², um homem negro nas mãos de um policial branco nos Estados Unidos, o que gerou uma onda de protestos³ em vários países, inclusive no Brasil. Às vésperas do Dia da Consciência Negra, em 19 de novembro de 2020, mais um caso de violência contra a pessoa negra chocou o Brasil e o mundo. Alberto Silveira Freitas, um homem negro, foi vítima de crime semelhante, sufocado por quase quatro minutos dentro de um supermercado da rede Carrefour, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul⁴.

² Caso George Floyd: morte de homem negro filmado com policial branco com joelhos em seu pescoço causa indignação nos EUA. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/05/27/caso-george-floyd-morte-de-homem-negro-filmado-com-policial-branco-com-joelhos-em-seu-pescoco-causa-indignacao-nos-eua.ghtml>. Acesso em 08/07/2023.

³ Protestos contra a morte de George Floyd pelo mundo nesta sexta-feira. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/06/05/protestos-contr-a-morte-de-george-floyd-pelo-mundo-nesta-sexta-feira-5-fotos.ghtml>. Acesso em: 08/07/2023.

⁴ Homem negro morre após ser espancado por seguranças do Carrefour em Porto Alegre. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/11/homem-negro-morre-apos-ser-espancado-por-segurancas-do-carrefour-em-porto-alegre.shtml>. Acesso em: 07/06/2023.

Como citado anteriormente, o fato ocorreu às vésperas do Dia da Consciência Negra que é celebrado no dia 20 de novembro de 2020 no país, uma data em que se deveria celebrar políticas públicas e avanços na luta por igualdade racial. Tal fato causou revolta na população, que se manifestou repudiando o ocorrido através da mídia e das redes sociais. Tais cenas de racismo, como essa, demonstram o quanto se precisa evoluir para se ter uma sociedade mais justa e igualitária. Enfim, fatos como esse só demonstram que a luta contra o racismo e a barbaridade está longe de terminar.

O caso, em questão ganhou inclusive repercussão internacional, com um status de espancamento selvagem⁵. Dados do Atlas da Violência 2019⁶ só confirmam que este não é um caso isolado. Verificamos que:

Em 2017, 75,5% das vítimas de homicídios foram indivíduos negros (definidos aqui como a soma de indivíduos pretos ou pardos, segundo a classificação do IBGE, utilizada também pelo SIM), sendo que a taxa de homicídios por 100 mil negros foi de 43,1, ao passo que a taxa de não negros (brancos, amarelos e indígenas) foi de 16,0. Ou seja, proporcionalmente às respectivas populações, para cada indivíduo não negro que sofreu homicídio em 2017, aproximadamente, 2,7 negros foram mortos. (CERQUEIRA, BUENO, 2019, p. 49).

Conforme Almeida (2019), praticar a discriminação, além de ser um ato pessoal, devemos ter em mente que organizações religiosas, privadas, públicas, e outras diversas, também a praticam, a discriminação institucional é uma realidade. Diante disto, o racismo é sim estrutural, ele foi edificado durante anos e sua consequência é a opressão, o que justifica a importância das instituições e a população estarem aptos a enfrentá-lo, posto que, o racismo atualmente constitui as relações sociais diante de um padrão de normalidade. Por sua vez, podemos citar o mito da democracia racial, que além de ser uma grande hipocrisia social, acaba por evidenciar a realidade da desigualdade no Brasil. O que evidencia que devemos ter a obrigação de sermos implacáveis no combate ao racismo estrutural.

A mídia, nosso objeto de investigação, representada pelas elites e seus trabalhadores, atua com uma lógica discriminatória. Esta não se limita a um tema especificamente, mas também se estende a outras áreas. Ela influencia as percepções das massas, consciente ou

⁵ Jornais estrangeiros repercutem assassinato de homem negro em supermercado brasileiro. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/11/20/jornais-estrangeiros-repercutem-assassinato-de-homem-negro-em-supermercado-brasileiro.ghtml>. Acesso em: 07/06/2023.

⁶ CERQUEIRA, Daniel. BUENO, Samira, et al. Atlas da violência 2019. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; 2019. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2019>. Acesso em 08/06/2023.

inconscientemente, com base no destaque que é dado a cada fato, na quantidade de vezes em que ele é mencionado nos noticiários e em outros fatores.

O presente trabalho foi desenvolvido a partir de um levantamento bibliográfico que também utiliza o método dedutivo para compreender como o racismo se estrutura na sociedade brasileira. Para tanto, foram utilizadas referências bibliográficas para definir alguns conceitos importantes em nossa análise. O presente método foi proposto pelos racionalistas René Descartes, Spinoza e Gottfried Wilhelm Leibniz que pressupõe que só a razão é capaz de levar ao conhecimento verdadeiro, quer dizer, que, partindo das teorias e leis, na maioria das vezes prediz a ocorrência dos fenômenos particulares (conexão descendente). (LAKATOS, MARCONI, 2003, p. 106).

Desta forma, a intenção principal foi fazer uma reflexão sobre os trabalhos e pesquisas já realizados sobre o tema e levantar novas reflexões e estabelecer novas questões sobre o tema. Deste modo, este tipo de pesquisa é relevante, pois colabora para a discussão da realidade, supõe hipóteses sobre temas que fazem parte do cotidiano e que precisam de um olhar especial. Posto que:

A pesquisa investiga o mundo em que o homem vive e o próprio homem. Para esta a atividade, o investigador recorre à observação e à reflexão que faz sobre os problemas que enfrenta, e à experiência passada e atual dos homens na solução destes problemas, a fim de munir-se dos instrumentos mais adequados à sua ação e intervir no seu mundo para construí-lo adequado à sua vida. (CHIZZOTTI, 2018, p. 11).

A mídia refere-se a meios de comunicação que transmitem informações, notícias, entretenimento e conteúdo em geral para um grande público. Isso pode incluir televisão, rádio, jornais, revistas, internet e redes sociais, entre outros canais de comunicação em massa. A mídia ocupa uma posição de centralidade nas sociedades contemporâneas permeando diferentes processos e esferas da atividade humana. De acordo com Carey:

Comunicação é o processo através do qual mensagens são transmitidas e distribuídas no espaço para controle das distâncias e das pessoas [...] comunicação é o processo simbólico por meio do qual a realidade é produzida, mantida, reparada e transformada" (Carey, 1973, p. 3).

Buscou-se, portanto, realizar uma investigação detalhada sobre a forma como a mídia trata a questão racial e qual o seu papel na construção e na manutenção do racismo estrutural

no Brasil. Além da pesquisa bibliográfica optou-se também por utilizar dois jornais, Folha de São Paulo e Estadão, ambos de grande circulação no país. A pesquisa se limitou ao jornal digital, no qual o acesso é feito por meio de assinatura, porém o acervo do jornal pode ser acessado de forma gratuita.

Para a realização desta pesquisa, foi adotado um estudo descritivo e foram utilizados métodos qualitativos e quantitativos para a análise retrospectiva das reportagens dos jornais Folha de São Paulo e Estadão, do dia 19 de novembro de 2020 (data do ocorrido) até 19 de março de 2021. O conteúdo das matérias analisadas deveria conter, os seguintes termos: Agressão, Carrefour, Homicídio, João Alberto Silveira Freitas, Racismo e Porto Alegre. Sendo que, obrigatoriamente todas deveriam estar relacionadas ao caso João Alberto. No total foram analisadas 195 reportagens sendo 95 delas do jornal Estadão e 100 da Folha de São Paulo.

Diante disso, tem-se o objetivo de explorar à reflexão de obras de autores como: Silvio Luiz de Almeida (2019), Kabengele Munanga (2010), Lia Vainer Schucman (2014), Ruth Frankenberg (1995), Achille Mbembe (2014) e Bell Hooks (2014), procurando construir para a monografia uma estrutura teórica que irá fundamentar a pesquisa bibliográfica.

1. A construção social da raça: entendendo o racismo como um fenômeno complexo

A trajetória do Brasil revela um país caracterizado por profundas disparidades sociais. Ao longo da história, testemunhamos a coexistência de poderosos proprietários de terras e escravizados, de vastas extensões de terras sendo exploradas simultaneamente à fome, e de grandes fortunas ao lado de extrema pobreza. Mesmo com eventos marcantes como a independência, a Proclamação da República e a abolição da escravidão, os contrastes em nosso país persistiram e adentramos o século do progresso social ainda carregando as antigas cicatrizes sociais.

A sociedade brasileira é notável por sua riqueza advinda da diversidade, sendo composta por um povo variado e plural, resultado de uma mistura abundante de culturas e trajetórias. No entanto, essa diversidade nem sempre foi valorizada como um aspecto positivo. Em vez de celebrar as diferenças entre grupos e indivíduos, tais distinções foram frequentemente julgadas e categorizadas em termos hierárquicos. Essa realidade é conhecida como preconceito, um problema antigo, também violento e complexo.

O racismo é um fenômeno complexo e abrangente, presente em quase todos os continentes, senão em todos eles. Diversos estudos têm sido realizados para compreender suas origens ao longo da história, desde a antiguidade clássica até os tempos modernos e contemporâneos. A análise desse fenômeno, conhecido como racismo, e suas interpretações englobam diversas disciplinas científicas, como biologia, antropologia, sociologia, ciência política, psicologia e história, entre outras. Essa diversidade de perspectivas e reflexões torna desafiador combater o racismo por meio de uma única abordagem ou solução.

Todos os tipos de preconceito e discriminação têm como base as diferenças entre as pessoas. Essas práticas racistas surgiram a partir da degradação das diferenças, que poderiam ser consideradas como uma riqueza coletiva. O racismo continua a vitimar os negros até os dias atuais, tendo suas raízes na chamada "ciência das raças" ou raciologia, que classificou a diversidade humana em raças hierarquizadas com base na cor da pele. Esse racismo surgiu na modernidade ocidental, a partir do século XVIII, quando o racismo dito científico foi formulado com base na ideia de raças, embora a ciência tenha chegado à conclusão de que as raças não existem cientificamente na segunda metade do século XX. Portanto, podemos afirmar que o racismo científico não existe mais, mas o racismo em si, que teve origem nesse pensamento científico, ainda persiste. Como colocado por Kabengele Munanga:

A realidade da raça não é mais biológica, mas sim histórica, política e social. A palavra continua sendo usada como uma categoria de análise para entender o que aconteceu no passado e o que acontece no presente. O nó central do problema não é a raça em si, mas sim as representações dessa palavra e a ideologia dela derivada. Se até o fim do século XIX e início do século XX, o racismo dependeu da racionalidade científica da raça, hoje ele independe dessa variante biológica. Ou seja, o racismo no século XXI se reconstrói com base em outras essencializações, notadamente culturais e históricas e até aquelas consideradas politicamente corretas como a etnia, a identidade e a diferença cultural. (MUNANGA, 2010, p. 11)

O racismo tem origem na dominação imposta pelos colonizadores às populações nativas dos países colonizados. No caso do Brasil, essa denominação perdurou durante todo o período colonial (1500-1822) e Imperial (1822-1889), em que os povos indígenas e africanos foram escravizados no território nacional. A escravização desses grupos ocorreu pela concepção de inferioridade que lhes era atribuída pelos colonizadores. A imposição de uma cultura sobre a outra e a inexistência de direitos para os grupos negros e indígenas por quase quatro séculos, fez permanecer a visão de inferioridade desses grupos em países como o Brasil e os Estados Unidos, mesmo após a abolição da escravidão.

Segundo o Ministro de Estado de Direitos Humanos e Cidadania, Silvio Almeida, o racismo se diferencia do preconceito e da discriminação racial. Sendo assim, o preconceito é a definição de um conceito sobre determinada pessoa ou grupo. Já a discriminação racial, é dar um tratamento diferenciado a alguém ou a um grupo em razão da raça. O racismo, por sua vez, é entendido como uma forma sistemática de discriminação, por meio de práticas conscientes ou inconscientes que resultam em desvantagens a determinado grupo racial. Nesse sentido o racismo engloba não apenas o preconceito e a discriminação, mas também todas as relações sociais, políticas, jurídicas e econômicas que desfavorecem uma pessoa ou um grupo por conta de sua raça e que pode se manifestar de forma individual, institucional e estrutural.

Antes de tudo, é importante deixar claro os conceitos de raça, branquitude e racismo, que, esse por sua vez, difere obviamente de preconceito e discriminação. Podemos definir que o racismo consiste em discriminar pessoas ou grupos com base em suas características físicas e étnicas, associando-as a estigmas, estereótipos e preconceitos. Essa forma de discriminação pode resultar em exclusão, segregação e opressão, manifestando-se em diversos níveis, como o espaço, a cultura e a sociedade. Como posto por Silvio Almeida:

Podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencem. Embora haja relação entre os conceitos, o racismo difere do preconceito racial e da discriminação racial. O preconceito racial é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertencem a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas

discriminatórias. Considerar negros violentos e inconfiáveis, judeus avarentos ou orientais “naturalmente” preparados para as ciências exatas são exemplos de preconceitos. A discriminação racial, por sua vez, é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados. Portanto, a discriminação tem como requisito fundamental o poder, ou seja, a possibilidade efetiva do uso da força, sem o qual não é possível atribuir vantagens ou desvantagens por conta da raça. (ALMEIDA, 2019, p. 23)

De acordo com Stuart Hall (2014)⁷, do ponto de vista conceitual, a noção de "raça" não possui fundamentos científicos. As variações atribuídas à raça dentro de uma mesma população são tão significativas quanto aquelas encontradas entre populações claramente definidas racialmente. A "raça" é, portanto, uma construção política e social, uma categoria discursiva que serve de base para a organização de um sistema de poder que abrange aspectos sociais, econômicos, exploração e exclusão - em outras palavras, o racismo. Vejamos:

(...) Hall problematiza as noções essencialistas de raça e afirma que “raça é uma construção discursiva, um conceito classificatório importante na produção da diferença, um significante flutuante, deslizando, que significa diferentes coisas em diferentes épocas e lugares” (...) Hall enfatiza que raça se assemelha mais a uma linguagem do que à biologia e argumenta que o conceito de raça ganha sentido por ser relacional e não por ser essencial, não podendo ser fixado definitivamente, uma vez que está sujeito a um processo constante de redefinição, “sinalizando coisas diferentes em diferentes culturas, formações históricas e momentos”. Neste sentido, uma contribuição importante do pensamento de Hall para o estudo das identidades negras é desnaturalizar e historicizar o conceito de raça, entendendo-o como uma categoria produzida social e culturalmente, em momentos históricos específicos e de acordo com as lutas políticas encetadas pelos diferentes movimentos sociais. (ZUBARAN; WORTMANN; KIRCHOF, 2016, p. 24)

O preconceito racial direcionado à população não branca é resultado direto dos privilégios raciais que são associados aos indivíduos brancos. Quer dizer, a discriminação e os estereótipos negativos são direcionados aqueles que não são considerados brancos devido à existência de uma estrutura social na qual os brancos têm vantagens e privilégios sistemáticos. Schucman⁸ (2014) afirma que os brancos não são apenas beneficiados por essa estrutura racializada, mas também desempenham um papel ativo na sua manutenção e perpetuação. Isso é feito por meio de mecanismos diretos de discriminação, nos quais os brancos exercem poder

⁷ Stuart Hall (Kingston, 3 de fevereiro de 1932 — Londres, 10 de fevereiro de 2014) foi um teórico cultural jamaicano que atuou no Reino Unido. Ele contribuiu com obras chave para os estudos da cultura e dos meios de comunicação, assim como para o debate político. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/stuart-hall/>. Acesso em: 11/06/2020.

⁸ Lia Vainer Schucman. Doutora em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo com estágio de Doutorado no Centro de Novos Estudos Raciais pela Universidade da Califórnia. Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pesquisadora de Psicologia e Relações étnico-raciais. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/5274002/lia-vainer-schucman>. Acesso em: 05/07/2023.

e controle sobre os negros, além da produção de discursos que promovem a ideia de democracia racial e branqueamento. Nas palavras da autora:

O fato de o preconceito racial recair sobre a população não branca está diretamente relacionado ao fato de os privilégios raciais estarem associados aos brancos. O branco não é apenas favorecido nessa estrutura racializada, mas também é produtor ativo dessa estrutura, através de mecanismos mais diretos de discriminação e da produção de um discurso que propaga a democracia racial e o branqueamento. Esses mecanismos de produção de desigualdades raciais foram construídos de tal forma que asseguraram aos brancos a ocupação de posições mais altas na hierarquia social, sem que isso fosse encarado como privilégio de raça. Isso porque a crença na democracia racial isenta a sociedade brasileira do preconceito e permite que o ideal liberal de desigualdade de oportunidades seja apreendido como realidade. (SCHUCMAN, 2014, p.14)

Ao mencionar a democracia racial, Schucman (2014) está se referindo a uma ideologia que sugere a igualdade racial na sociedade, mas que na prática serve para encobrir ou negar as disparidades e o racismo estrutural. O "branqueamento" mencionado se refere à valorização e preferência dada à aparência e características brancas, em detrimento de outros grupos étnicos. Segundo ela:

Assim, a branquitude é entendida como uma posição em que sujeitos que ocupam esta posição foram sistematicamente privilegiados no que diz respeito ao acesso a recursos materiais e simbólicos gerados inicialmente pelo colonialismo e pelo imperialismo, e que se mantêm e são preservados na contemporaneidade. Portanto, para se entender a branquitude é importante entender de que forma se constroem as estruturas de poder concretas em que as desigualdades raciais se ancoram. Por isso, é necessário entender as formas de poder da branquitude, onde ela realmente produz efeitos e materialidades. (SCHUCMAN, 2014, p. 23)

Na obra de Ruth Frankenberg (1995, p.43), é estabelecido que a branquitude é um espaço estrutural a partir do qual os indivíduos brancos observam os outros e a si mesmos. É uma posição de poder não reconhecida, experimentada em um contexto social marcado pela raça, onde se encontra conforto e a capacidade de atribuir ao outro aquilo que não se atribui a si mesmo. E ainda, segundo Achille Mbembe (2014, p. 20), em diversas nações, observa-se a presença do "racismo sem raça". Nesse contexto, busca-se aprimorar a prática discriminatória ao tornar a raça conceitualmente inimaginável, substituindo-a pela cultura e religião. Dessa forma, elementos como a biologia são relegados a um segundo plano, enquanto a ênfase recai sobre aspectos culturais e religiosos.

Agora que já definimos racismo, é prudente trazer também a definição das três concepções de racismo, individualista, institucional e a concepção estrutural que é o nosso objeto de estudo neste trabalho. De acordo com Silvio Almeida, a concepção individualista de

racismo é aquela que enfatiza a responsabilidade individual e nega a existência de estruturas e sistemas que perpetuam a desigualdade racial. Nessa perspectiva, o racismo é entendido como meros atos isolados de preconceito por parte de indivíduos, desconsiderando-se o contexto histórico, social e estrutural que sustenta e reproduz as desigualdades raciais. Essa abordagem tende a minimizar a importância do racismo institucional e estrutural, colocando a ênfase na responsabilidade individual das pessoas, enquanto negligência as desigualdades sistêmicas enfrentadas por grupos racialmente minoritários. Vejamos:

O racismo, segundo esta concepção, é concebido como uma espécie de “patologia” ou anormalidade. Seria um fenômeno ético ou psicológico de caráter individual ou coletivo, atribuído a grupos isolados; ou, ainda, seria o racismo uma “irracionalidade” a ser combatida no campo jurídico por meio da aplicação de sanções civis – indenizações, por exemplo – ou penais. Por isso, a concepção individualista pode não admitir a existência de “racismo”, mas somente de “preconceito”, a fim de ressaltar a natureza psicológica do fenômeno em detrimento de sua natureza política. Sob este ângulo, não haveria sociedades ou instituições racistas, mas indivíduos racistas, que agem isoladamente ou em grupo. (ALMEIDA, 2019, p. 25)

O racismo não está restrito somente aos indivíduos, ele também age dentro das instituições. A noção de racismo institucional explica a operação pela qual uma dada sociedade internaliza a produção das desigualdades em suas instituições. Em 1967, os ativistas Stokely Carmichael e Charles Hamilton, membros do grupo Panteras Negras, introduziram o conceito de Racismo Institucional com o objetivo de descrever a maneira como o racismo se manifesta nas estruturas organizacionais da sociedade e nas instituições. Dessa forma, de acordo com Silvio Almeida:

Sob esta perspectiva, o racismo não se resume a comportamentos individuais, mas é tratado como o resultado do funcionamento das instituições, que passam a atuar em uma dinâmica que confere, ainda que indiretamente, desvantagens e privilégios com base na raça. (...) a principal tese dos que afirmam a existência de racismo institucional é que os conflitos raciais também são parte das instituições. Assim, a desigualdade racial é uma característica da sociedade não apenas por causa da ação isolada de grupos ou de indivíduos racistas, mas fundamentalmente porque as instituições são hegemônicas por determinados grupos raciais que utilizam mecanismos institucionais para impor seus interesses políticos e econômicos. (ALMEIDA, 2019, P. 27).

Racismo estrutural refere-se à sistemática discriminação racial presente nas diversas estruturas sociais. Em outras palavras, é o preconceito racial profundamente arraigado na sociedade, permeando todas as esferas sociais, incluindo instituições, esferas políticas e econômicas. Essa forma de racismo já está enraizada na cultura de um povo e contribui para a

contínua perpetuação das desigualdades. No contexto brasileiro, o racismo estrutural tem suas raízes no período de colonização e escravização da população indígena e africana a partir do século XV. De acordo com Almeida, 2019:

O racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre “pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição”. (ALMEIDA, 2019, p. 33)

2. Existe racismo no Brasil?

Em 2020, em meio a repercussão do assassinato de um homem negro em um supermercado da rede Carrefour, ao ser questionado sobre o fato ocorrido, o então vice-presidente do Brasil, General Hamilton Mourão, disse que “no Brasil, não existe racismo”. Veja a seguir a fala dele:

"Lamentável, né? Lamentável isso aí. Isso é lamentável. Em princípio, é segurança totalmente despreparada para a atividade que ele tem que fazer [...] para mim, no Brasil não existe racismo. Isso é uma coisa que querem importar aqui para o Brasil. Isso não existe aqui" [...] “Não, eu digo para você com toda a tranquilidade: não tem racismo aqui” [...] "Eu digo para vocês o seguinte, porque eu morei nos EUA: racismo tem lá. Eu morei dois anos nos EUA, e na escola em que eu morei lá, o 'pessoal de cor' andava separado. Eu nunca tinha visto isso aqui no Brasil. Saí do Brasil, fui morar lá, era adolescente e fiquei impressionado com isso aí. Isso no final da década 60"⁹

A crença de que o Brasil não é um país racista devido à ausência de leis de segregação semelhantes às americanas e à sua história de miscigenação não é precisa, mas ainda assim persiste. O sociólogo Gilberto Freyre¹⁰ (1900-1987) é reconhecido como o primeiro autor a popularizar a noção de que o Brasil era uma sociedade de "harmonia racial", porém essa teoria é hoje amplamente vista como um mito. Diversos autores já produziram obras afirmando que o Brasil não é um país racista. Entretanto, é válido questionar por que essa afirmação é feita. Em primeiro lugar, muitos desses argumentos se baseiam em comparações com modelos de outros países. Ao contrário da África do Sul durante o Apartheid, o Brasil não possui um extenso código de leis racistas. Além disso, diferentemente dos Estados Unidos, onde a Constituição explicitamente definia uma discriminação racial em relação aos treze por cento da população negra norte-americana, no Brasil o país é caracterizado por uma miscigenação racial, conceito amplamente difundido por Gilberto Freyre, que promove uma convivência mais harmoniosa entre as diferentes raças, como citado anteriormente. Essa ideia de miscigenação é uma construção histórica, pois as leis brasileiras nunca consagraram princípios abertamente racistas. No entanto, é importante ressaltar que no século XIX, por exemplo, as leis restringiam o direito ao voto para aqueles que não possuíam renda, excluindo assim a maioria da população negra, que estava escravizada ou vivendo em condições de extrema pobreza. Somente em 1888, a

⁹ Fala retirada da entrevista dada por Hamilton Mourão em 20/11/2020 disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/11/20/mourao-lamenta-assassinato-de-homem-negro-em-mercado-mas-diz-que-no-brasil-nao-existe-racismo.ghtml>. Acesso em: 07/07/2023.

¹⁰ Gilberto Freyre (1900-1987) foi um sociólogo, historiador e ensaísta brasileiro. Autor de "Casa Grande & Senzala", que é considerada, uma das obras mais representativas sobre a formação da sociedade brasileira. Disponível em: https://www.ebiografia.com/gilberto_freyre/. Acesso em: 07/07/2023.

população negra deixou de ser legalmente passível de escravidão. No entanto, poucos anos depois, na época da República, os analfabetos foram excluídos do direito ao voto¹¹. (LEÃO, 2012, p. 606)

Embora tenhamos uma legislação contra o racismo desde a década de 1950, representada pela Lei Afonso Arinos, a herança da escravidão continua sendo uma questão complexa. Simplesmente abolir a escravidão não garantiu automaticamente os direitos da população que foi privada da cidadania, humilhada e violentada, reduzida à condição de objeto de compra e venda. A exclusão social que persistiu por séculos ainda repercute na sociedade. Portanto, a questão racial no Brasil é permeada por uma herança histórica profunda, e a mera eliminação do estatuto da escravidão não garantiu plenamente os direitos dessa população.

De fato, a legislação não precisa explicitamente proibir os negros de ocuparem cargos como presidente ou juiz do Supremo Tribunal, por exemplo, pois na prática isso não ocorre. No entanto, é importante compreender que o racismo no Brasil não se resume a atitudes individuais de pessoas brancas com inclinações racistas. O racismo é estrutural e está tão enraizado na sociedade que muitas vezes passa despercebido. Quando observamos um país onde mais da metade da população é negra, mas não há um único juiz negro no Supremo Tribunal Federal e apenas um presidente que poderíamos considerar negro, Nilo Peçanha, e ele assumiu o cargo em circunstâncias excepcionais após a morte do titular, não sendo eleito como presidente. Isso demonstra que, mesmo em um contexto pós-redemocratização, continuamos enfrentando o racismo estrutural no Brasil.

É importante destacar que o racismo não se manifesta apenas por meio de leis explícitas. Ele se apresenta de forma mais sutil, por meio de ensinamentos culturais e projeções sociais sobre o que é considerado belo, o que é aceitável em termos de comportamento, de modo que muitas vezes esquecemos dos privilégios associados à branquitude. A maioria da população brasileira enfrenta humilhação, restrições e preconceito simplesmente por nascer negra.

Além disso, é crucial compreender que a miscigenação no Brasil não é suficiente para eliminar o racismo. Embora o país tenha testemunhado uma grande quantidade de casamentos e uniões entre diferentes grupos étnicos, o poder continua concentrado nas mãos daqueles que não são miscigenados. Os grandes órgãos e as principais corporações são liderados predominantemente por pessoas brancas. Mesmo que tenhamos avançado significativamente nesse aspecto, o controle das empresas, a estética das propagandas e a representação nos cargos

¹¹ Lei Saraiva (1881): Se o analfabetismo é um problema, exclui-se o problema. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/download/30737/20890/129508>. Acesso em: 05/06/2023.

de poder ainda são amplamente limitados a um grupo reduzido de indivíduos brancos. Esse cenário contribui para a existência de um racismo estrutural no Brasil.¹²

É essencial promover o debate sobre o racismo estrutural, especialmente em um país que historicamente nega a existência desse problema. Muitas pessoas têm uma visão limitada do racismo, considerando-o apenas como atos individuais de violência contra pessoas negras. No entanto, essa perspectiva individualista não aborda a compreensão da construção social do racismo. Sendo que, no Brasil, um país que foi um dos últimos a abolir a escravidão, foram criadas diversas leis e dispositivos para promover e manter desigualdades. A Constituição do Império de 1824, por exemplo, estabelecia restrições ao acesso à educação, permitindo apenas que os nascidos livres e cidadãos portugueses tivessem esse direito. A Lei de Terras de 1850 contribuiu para a criação de uma elite fundiária, uma vez que somente aqueles que pudessem comprar terras do Estado Brasileiro teriam acesso a elas¹³.

Durante quase quatro séculos, a população negra foi tratada como mercadoria, sendo elas responsáveis pela construção das riquezas do país, porém sem ter acesso a essas mesmas riquezas. É crucial, como citado anteriormente, compreender que a escravidão é a base da formação da sociedade brasileira, e não é um evento distante no tempo, uma vez que o período de escravidão foi mais longo do que o de não escravidão. Devemos refletir sobre as consequências desse legado no período pós-abolição, especialmente durante o processo de industrialização do Brasil. Diante disso, no entanto, não foram implementadas políticas de reparação para a população negra, que havia sofrido quase quatro séculos de opressão. Portanto, é fundamental compreender as origens sociais e as desigualdades que foram criadas, além de reconhecer que vivemos em um país onde a população negra historicamente foi privada de direitos. Para isso, é necessário que as pessoas estudem e conheçam a história do próprio país, pois somente assim poderemos compreender como essa estrutura de racismo opera em todas as relações sociais, negando oportunidades e direitos à população negra.

¹² Menos de 5% dos trabalhadores negros têm cargos de gerência ou diretoria aponta estudo. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2020/09/24/menos-de-5percent-dos-trabalhadores-negros-tem-cargos-de-gerencia-ou-diretoria-aponta-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 04/08/2023.

¹³ Lei de Terras: a reafirmação da estrutura latifundiária no Brasil. Disponível em: <https://www.politize.com.br/lei-de-terras/#:~:text=A%20principal%20consequ%C3%Aancia%20da%20Lei,poder%20num%20Brasil%20majoritariamente%20rural>. Acesso em: 04/08/2023.

No livro de Lilia Moritz Schwarcz¹⁴, “Sobre o autoritarismo brasileiro”¹⁵, fica evidente que no Brasil nós conhecemos bem a questão do racismo estrutural, mas também falhamos no combate a esse problema. A escravidão desempenhou um papel fundamental na formação do país, indo além de um mero sistema econômico. Ela moldou comportamentos, estabeleceu desigualdades sociais, tornou raça e cor marcadores fundamentais de diferença, estabeleceu relações de poder e submissão e criou uma sociedade marcada pelo paternalismo e por uma hierarquia rígida. A escravidão foi o mal maior que enfrentamos e continua a estruturar o racismo até os dias de hoje. Não se trata de algo que aconteceu apenas no passado, mas algo que persiste em nosso cotidiano.

Laurentino Gomes¹⁶, em seu livro, *Escravidão Volume 1*¹⁷, afirma que essa foi a experiência mais determinante na história do Brasil, com um profundo impacto na cultura e no sistema político que surgiu após a Independência. Nenhum outro assunto é tão importante ou tão definidor para a construção de nossa identidade. Portanto, antes de pensarmos em como obrigar os outros a enfrentar essa questão, devemos reconhecer que a escravidão vitimou pessoas negras. Não podemos esquecer que a escravidão não se restringiu a outros tempos ou a outros países, como a Espanha, que também lucrou com o tráfico humano. Aqui, no Brasil, pessoas africanas foram tratadas como objetos, como coisas em nosso território, em nossa história. A escravidão afetou principalmente pessoas negras, em um volume sem precedentes na história. Foram milhões de pessoas subjugadas. O Brasil foi o maior território escravista do Hemisfério Ocidental por quase três séculos e meio, recebendo quase 5 milhões de africanos escravizados, o que representa 40% do total de 12,5 milhões de africanos levados para as Américas. Além disso, o Brasil foi o último país do continente americano a abolir oficialmente a escravidão, somente em 13 de maio de 1888. Os reflexos dessa política devastadora, que durou séculos, ainda nos afetam hoje.

¹⁴ Lilia Katri Moritz Schwarcz é uma historiadora e antropóloga brasileira. Disponível em: <https://www.liliaschwarcz.com.br/>. Acesso em: 10/07/2023.

¹⁵ Sobre o autoritarismo brasileiro, de autoria de Lilia Moritz Schwarcz, tem como objetivo “[...] reconhecer algumas das raízes do autoritarismo no Brasil, que têm aflorado no tempo presente, mas que, não obstante, encontram-se emaranhadas nesta nossa história de pouco mais de cinco séculos” (Schwarcz, 2019, p. 26). Ao descrever a construção de certa história oficial do Brasil, a autora sinaliza como esse tipo de narrativa pode criar um passado mítico e harmônico, bem como, por outro lado, pode servir de base para a naturalização de estruturas autoritárias. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbhe/a/9cbCw45zXZwC9LrKqtv84mS/?lang=pt>. Acesso em: 10/07/2023.

¹⁶ José Laurentino Gomes é um jornalista e escritor brasileiro. Disponível em: https://www.ebiografia.com/laurentino_gomes/. Acesso em: 10/07/2023.

¹⁷ São Paulo: Três Estrelas, 2012. GOMES, Laurentino. *Escravidão: do primeiro leilão de cativos em Portugal à morte de Zumbi dos Palmares*, volume 1. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

Citando novamente Laurentino Gomes (2019), pretos e pardos representam 54% da população brasileira, mas sua participação entre os 10% mais pobres é de 78%. Por outro lado, na faixa de 1% mais rico da população, a proporção se inverte, com apenas 17,8% sendo descendentes de africanos. As políticas de ação afirmativa ainda não conseguiram modificar essa estrutura, daí sua extrema necessidade. Ainda estamos reproduzindo esses valores. Não é por acaso que as mulheres negras continuam na base da pirâmide social, enfrentando maiores privações e dificuldades do que qualquer outro cidadão brasileiro. O Brasil está tentando avançar lentamente para melhorar essa situação.

3. A mídia como agente perpetuador do racismo estrutural: uma análise crítica

A maneira como enxergamos o mundo é moldada por uma vasta variedade de influências que nos envolvem a cada dia. Essas influências podem derivar de diferentes origens, como o convívio familiar, a formação educacional, os valores culturais, as interações sociais e até mesmo a temática central desta pesquisa, que aborda os meios de divulgação de informações. A mídia desempenha um papel vital na sociedade contemporânea como ferramenta de formação de opinião. Posto que, com o advento da tecnologia e maior acesso à informação, a mídia tem um poder considerável em moldar as opiniões e crenças das pessoas, posto que, ela abrange uma ampla gama de plataformas, incluindo televisão, rádio, jornais, revistas e, mais recentemente, a Internet e as mídias sociais.

Esses meios de comunicação fornecem notícias, reportagens, análises, comentários e inúmeros outros conteúdos que influenciam a forma como as pessoas percebem o mundo ao seu redor. Contudo, é prudente estar ciente que a mídia não age de forma imparcial e que as informações que são veiculadas por ela podem ser manipuladas e/ou filtradas de diferentes formas o que pode distorcer nossa visão da realidade, a exemplo a questão racial, como citado por Flávio Carrança¹⁸.

(...) não é difícil imaginar que a maneira como jornalistas, donos de jornais e toda classe dominante encaram a questão das relações entre brancos e negros no país se reflita no material veiculado pelos meios de comunicação, exercendo grande influência sobre o comportamento da população nesse âmbito. Inicialmente restrita ao âmbito acadêmico, a reflexão sobre o papel da imprensa e dos meios de comunicação com relação ao racismo ganhou, nos últimos anos, um espaço maior na agenda do movimento negro, a partir do momento em que percebeu que o jornalismo pode ser um instrumento poderoso, tanto para o reforço ou a produção de preconceito quanto para a promoção da igualdade. (CARRANÇA, 2012. p. 157)

Uma das formas pelas quais a mídia influencia a formação da opinião pública é por meio da seleção e apresentação de informações. A mídia tem o poder de escolher quais histórias e eventos são relatados e como são apresentados. Isso pode afetar a percepção pública da importância e relevância desses eventos e como eles são interpretados. Dessa forma, é a mídia que dita o que é e o que não é notícia. Quer dizer, exclui ou enfatiza, torna invisível ou visível, revela ou despreza fatos e porque não dizer pessoas.

¹⁸ Bacharel em jornalismo e coordenador da Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial do Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo (Cojira-SP).

As relações raciais são um aspecto fundamental da sociedade e merecem uma atenção especial da mídia por inúmeras razões. E ao dar destaque para as questões raciais, a mídia pode ampliar a conscientização e promover o diálogo sobre a discriminação, o preconceito e as desigualdades sociais. Vejamos:

Valdice Gomes¹⁹, presidente do Sindicato dos Jornalistas de Alagoas e integrante da Comissão Nacional de Jornalistas pela Igualdade Racial (Conajira) da Federação Nacional dos Jornalistas, afirma que, como questão estrutural da sociedade brasileira, as relações raciais necessitam de atuação especial dos jornalistas, tendo em vista que a invisibilidade e padrões de baixa autoestima, que ganham reforço nas imagens estereotipadas da população negra constantemente divulgadas pela mídia. “Reverter esse quadro – diz a dirigente – é papel fundamental dos movimentos sociais e, também, dos jornalistas comprometidos com o interesse público e com a democratização dos meios de comunicação. (CARRANÇA, 2012. p. 154)

Silvio Almeida em seu livro divide o racismo estrutural em quatro elementos, a ideologia, a política, a economia e o direito. Nesse contexto, os meios de comunicação são aqueles que vão atuar mais fortemente em um desses elementos, que no caso é a ideologia. A mídia traz a representação do negro sempre de uma forma inferior ao branco na sociedade.

Uma constelação de estratégias discursivas se põe a deslindar os efeitos dos textos midiáticos (texto aqui é visto em sua larga abertura conceitual, como proposta por diversos teóricos a exemplo de Barthes, Kristeva, Sodré, Orlando), sob o crivo de olhares que veem nas representações advindas do material veiculado pelos meios de comunicação um ponto fulcral para a superação da discriminação e do racismo. (DA SILVA BORGES, 2012. p. 180)

A autora Bell Hooks²⁰, por exemplo, argumenta que é necessário um novo sistema de representações para romper com as prisões de imagens que limitam esses grupos. Os questionamentos apresentados por ela destacam a relação entre os discursos da mídia, o racismo e a cristalização de estigmas e estereótipos. A análise foca em como os meios de comunicação podem reforçar preconceitos e perpetuar ideias negativas sobre o negro e a mulher negra. A mídia é apontada como o centro das sociabilidades atuais e, portanto, desempenha um papel fundamental na disseminação dessas representações. A análise das questões raciais presentes nos meios de comunicação é vista como uma rota para compreender como o racismo se perpetua e se retroalimenta. Sugere-se que a mudança desse cenário começa com a mídia assumindo a

¹⁹ Valdice Gomes, presidente do Sindicato dos Jornalistas de Alagoas e integrante da Comissão Nacional de Jornalistas pela Igualdade Racial (Conajira) da Federação Nacional dos Jornalistas.

²⁰ Bell hooks (1952-2021) foi uma pensadora, professora, escritora e ativista negra norte-americana de grande importância, principalmente para o movimento antirracista e feminista. Disponível em: https://www.ebiografia.com/bell_hooks/. Acesso em 09/06/2023.

responsabilidade de retratar o negro e a mulher negra de maneira mais justa e respeitosa. A abordagem da mulher negra como caso exemplar reflete a importância de tratar as questões de gênero e raça de forma interseccional. Vejamos:

Em *Black looks*²¹, Beell Hooks sustenta, enfaticamente, que só um novo sistema de representações do negro e da mulher negra poderá livrá-los dos estigmas que os aprisionam em categorias desumanizantes. Alice Walker abrevia a questão falando em prisões de imagens. Tais ponderações nos levam a questionamentos que reclamam por solução: Em que medida os discursos da mídia permanecem atados a estigmas e estereótipos? Como contribuem para a cristalização do racismo? É possível implodir o sistema de representação recorrente e instaurar outra narrativa sobre o negro e a mulher negra, pulverizando-a na TV, jornais impressos e eletrônicos, internet, peças publicitárias e nas redes sociais? Esses questionamentos vêm nos inserindo em uma rota em que as questões raciais visadas nos meios de comunicação podem nos conduzir a entender as múltiplas formas de retroalimentação do racismo. A ordem na qual são postos esses pleitos convida a fazer um percurso cujo ponto de partida situa a mídia como eixo central das sociabilidades hodiernas, destinando-se para dois casos modelares de representação da mulher negra, até chegarmos há alguns endereços de resposta provisória ao problema aqui levantado. (DA SILVA BORGES, 2012. p.186)

A mídia desempenha um papel central na formação de nossas percepções e ideias sobre o negro e a mulher negra. Se a maior parte de nossa informação e conhecimento provém dos sistemas midiáticos, é importante analisar os discursos veiculados por eles e como esses discursos retratam esses grupos. Flávio Carrança (2012) destaca que a paisagem midiática brasileira é marcada pela repetição contínua de estigmas e estereótipos relacionados ao negro e à mulher negra. As formas como os meios de comunicação combinam elementos verbais e visuais, como imagens, textos, sons e projeções gráficas, contribui para fixar esses sujeitos em categorias pré-estabelecidas, que podem ser desumanizantes e limitadoras. A análise sugere que a representação do negro e da mulher negra na mídia tende a reforçar estereótipos existentes, perpetuando visões preconceituosas e reducionistas sobre esses grupos. O autor provoca o leitor a questionar a veracidade e a imparcialidade dessas representações, incentivando uma reflexão crítica sobre a influência da mídia na construção de identidades e na percepção social. Como é afirmado a seguir:

Ora, se nos informamos e formamos majoritariamente pelo que é emitido pelos sistemas midiáticos, o que podemos depreender dos discursos sobre o negro e a mulher negra, veiculados por programas televisivos e radiofônicos, peças e anúncios publicitários, jornais impressos e eletrônicos, novelas e congêneres? Olhando de soslaio para a paisagem midiática brasileira podemos observar um trajeto, pontilhado por estigmas e estereótipos, que parece se repetir indefinidamente. As malhas verbo visuais que compõem a cena Inter semiótica (imagens, textos escritos, som, projeções

²¹ Na coletânea de ensaios críticos reunidos em *Olhares negros*, do inglês *Black Looks*, Bell Hooks interroga narrativas e discute a respeito de formas alternativas de observar a negritude, a subjetividade das pessoas negras e a branquitude. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Black-Looks-Representation-bell-hooks/dp/1138821551>. Acesso em: 10/06/2023.

gráficas e diagramáticas) posicionam sujeitos e temas nos espaços de representação de modo afixá-los em categorias predeterminadas. (CARRANÇA, 2012. p. 188)

Há persistência de estigmas e padrões na representação do negro, mesmo que haja algumas mudanças superficiais em relação à imagem desse grupo. O autor ressalta que existe uma matriz ou modelo dominante que continua sendo replicado, determinando o lugar do negro no sistema de representação. O termo "estigmas" refere-se a ideias preconceituosas e negativas associadas ao negro e à mulher negra, que são reforçadas na sociedade. Esses estigmas não permanecem imutáveis em termos de conteúdo, mas sua articulação ou forma de expressão pode ser persistente ao longo do tempo. Essa articulação está conectada, ainda que de forma remota, aos fundamentos do racismo, que historicamente estabeleceram a diferenciação entre o "eu civilizado" e o "outro bárbaro" com base na dimensão corpórea, sendo o negro frequentemente associado à barbárie. O autor menciona o conceito de Robert Stam, que avalia as imagens da mídia como preservadoras de uma concepção colonialista e eurocêntrica, que continua a fornecer elementos para a representação estigmatizada de grupos historicamente discriminados, como o negro. Como colocado a seguir:

Partimos do entendimento, como já dissemos, que a despeito de algumas mudanças a respeito da imagem do negro, existe uma matriz que se replica, um padrão que define o lugar do negro no sistema de representação. Partimos do entendimento de que os estigmas se repetem, não em termos de conteúdo, mas de articulação. Embora não sejam invariáveis (enquanto formas constituídas da sociedade), os estigmas são invariantes (enquanto estruturas constituintes da sociedade). No caso em tela, essa articulação vincula-se, remotamente, aos pilares do racismo, à dimensão corpórea como elemento distintivo entre um eu civilizado e o outro bárbaro, o que nos faz concordar com teóricos, a exemplo de Robert Stam, que avalia as imagens da mídia como preservadoras de uma concepção colonialista e eurocêntrica que não cessou de fornecer os elementos para a representação dos grupos historicamente discriminados. (DA SILVA BORGES, 2012. p. 188)

4. Estudo de caso: A influência dos meios de comunicação no caso João Alberto Silveira Freitas

A violência que assola a população negra na sociedade brasileira vem sendo, cada vez mais, motivo de revolta. Em 2020, mais um caso de violência contra a pessoa negra foi registrado no país. João Alberto Silveira Freitas foi espancado até a morte por dois seguranças brancos em uma unidade da rede de supermercados Carrefour, em Porto Alegre (RS), no dia 19 de novembro, como já citado anteriormente. Conforme a opressão se agrava, a resistência se fortalece. Essa teoria pode talvez explicar as reações aos atos de racismo que ocorreram em todo o país em 2020.

A despeito da crescente consciência da sociedade em relação à disparidade racial, as quais são evidenciadas através de manifestações, votações, cobertura midiática e engajamento nas plataformas online, a comunidade negra ainda se depara com uma constante realidade onde é o alvo primordial de homicídios, abuso policial, detenções, falta de emprego, carência financeira, e uma série de outros incidentes. Entretanto, neste contexto, as imagens de brutalidade, como o caso do espancamento de João Alberto no supermercado Carrefour em Porto Alegre, ocorrido às vésperas do Dia da Consciência Negra, parecem ter causado um impacto ainda mais profundo.

O racismo estrutural é um fenômeno presente em nosso dia a dia, permeando todas as esferas da sociedade, como o sistema judiciário, a polícia, as corporações, as empresas, as famílias e as relações interpessoais, sejam elas de amizade ou afeto. Esse tipo de racismo é caracterizado pela sua presença em todas as estruturas sociais e afeta diversos aspectos. Infelizmente, é algo comum no Brasil. Um exemplo disso, como mencionado acima, é o caso trágico ocorrido em um supermercado, no qual os funcionários, influenciados pela sociedade racista em que estão inseridos, enxergaram um homem negro como uma ameaça. Eles associaram a cor da pele dele a comportamentos perigosos e criminosos. Um pequeno desentendimento com um fiscal do estabelecimento resultou na morte dessa pessoa, pois o racismo levou os funcionários a tratá-la de maneira extremamente cruel e violenta. É evidente que uma pessoa branca, na mesma situação, não teria recebido o mesmo tratamento.

A narrativa policial²² indica que o incidente teve início com uma discussão entre João Alberto e um funcionário do caixa. A situação escalou a ponto de um segurança intervir e conduzir João Alberto para fora do estabelecimento. No estacionamento, ocorreu um ataque brutal por parte dos seguranças, que desferiram repetidos golpes contra João Alberto, visando principalmente seu estômago e cabeça. Isso resultou na queda de João Alberto, enquanto os seguranças pressionavam suas costas e pescoço com os joelhos, aguardando a chegada da polícia. Surpreendentemente, a supervisora da loja não somente não interveio para conter a agressão, mas também repreendeu os protestos feitos por testemunhas que passavam pelo local. Ao longo de vários minutos, João Alberto ficou restrito, lutando para respirar, enquanto aproximadamente doze testemunhas, incluindo sua esposa, se aglomeraram ao redor. Alguns indivíduos apelaram por clemência, porém outros lançaram insultos e até mesmo agrediram o corpo do homem indefeso com chutes. Esse triste acontecimento trouxe à mente a morte de George Floyd nos Estados Unidos, evocando sentimento de indignação semelhantes. Como resultado, manifestações surgiram nas redes sociais e nas ruas do Brasil, coincidindo com as comemorações do Dia da Consciência Negra, que foram marcadas por um profundo sentimento de luto.

A investigação realizada pela Polícia Civil do Rio Grande do Sul foi concluída em relação ao caso. Seis indivíduos enfrentarão acusações criminais e serão responsabilizados por homicídio qualificado em três aspectos. As autoridades afirmam que não conseguiram discernir uma motivação de racismo direto ou de injúria racial, preferindo classificar o motivo como uma atitude desprezível alimentada por preconceito relacionado ao status socioeconômico e ao racismo estrutural. Como explicado pela delegada Roberta Bertoldo, “Já que não há testemunhas que digam o que foi falado ou gestos que foram feitos, não temos como afirmar que alguma ofensa relacionada à cor de João Alberto foi falada naquele momento. Mas podemos considerar, sem dúvida nenhuma, que está arraigado o racismo estrutural”.²³

Adicionando ainda mais tensão, o então presidente Jair Bolsonaro e seu vice-presidente General Hamilton Mourão negaram veementemente a existência de racismo neste caso, argumentando que os apelos por justiça social representam ameaças à unidade nacional.

²² Caso João Alberto: veja perguntas e respostas sobre a morte de um cidadão negro no Carrefour em Porto Alegre. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/11/23/caso-joao-alberto-veja-perguntas-e-respostas-sobre-a-morte-de-um-cidadao-negro-no-carrefour-em-porto-alegre.ghtml>. Acesso em: 07/08/2023.

²³ Caso João Alberto: polícia indiciou 6 pessoas por morte em supermercado no RS. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/caso-joao-alberto-policia-indicia-6-pessoas-por-morte-em-supermercado-no-rs/#:~:text=A%20pol%C3%ADcia%20diz%20que%20n%C3%A3o,condi%C3%A7%C3%A3o%20socioecon%C3%B4mica%20e%20racismo%20estrutural.&text=A%20delegada%20Roberta%20Bertoldo%20explicou%20a%20decis%C3%A3o>. Acesso em: 07/08/2023.

Em nota, o supermercado Carrefour lamentou o ocorrido e disse que apresentaria queixa crime contra os responsáveis pelo homicídio ocorrido e que iria suspender o contrato com a empresa de segurança responsável. Segue a nota na íntegra:

Sobre a brutal morte do senhor João Alberto Silveira Freitas na loja em Porto Alegre, no bairro Passo D'Areia: O Carrefour informa que entrará com uma queixa-crime contra os responsáveis. Também romperá o contrato com a empresa que responde pelos seguranças que cometeram a agressão. O funcionário que estava no comando da loja no momento do incidente será desligado. Em respeito à vítima, a loja será fechada. Entraremos em contato com a família para dar o suporte necessário. O Carrefour lamenta profundamente o caso. Ao tomar conhecimento deste inexplicável episódio, iniciamos uma rigorosa apuração interna e, imediatamente, tomamos as providências cabíveis para que os responsáveis sejam punidos legalmente. Para nós, nenhum tipo de violência e intolerância é admissível e não aceitamos que situações como estas aconteçam. Estamos profundamente consternados com tudo que aconteceu e acompanharemos os desdobramentos do caso, oferecendo todo suporte para as autoridades locais.²⁴

Indo contra as falas de Jair Bolsonaro e Hamilton Mourão, a ONU Brasil soltou uma nota lamentando o acontecimento, prestando solidariedade à família de João Alberto e afirmou que o ocorrido é um ato que evidencia as diversas esferas do racismo e das desigualdades encontradas na estrutura social brasileira. Abaixo, a nota completa:

A ONU Brasil manifesta solidariedade à família de João Alberto Silveira Freitas, que foi brutalmente agredido na noite de 19 de novembro de 2020 e veio a óbito em seguida, na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. A violenta morte de João, às vésperas da data em que se comemora o Dia da Consciência Negra no Brasil, é um ato que evidencia as diversas dimensões do racismo e as desigualdades encontradas na estrutura social brasileira. Milhões de negras e negros continuam a ser vítimas de racismo, discriminação racial e intolerância, incluindo as suas formas mais cruéis e violentas. Dados oficiais apontam que a cada 100 homicídios no país, 75 são de pessoas negras. O debate sobre a eliminação do racismo e da discriminação racial é, portanto, urgente e necessário, envolvendo todas e todos os agentes da sociedade, inclusive o setor privado. A proibição da discriminação racial está consagrada em todos os principais instrumentos internacionais de direitos humanos e também na legislação brasileira. A ONU Brasil insta as autoridades brasileiras a garantirem a plena e célere investigação do caso e clama por punição adequada dos responsáveis, por reparação integral a familiares da vítima e pela adoção de medidas que previnam que situações semelhantes se repitam. Convida também toda a sociedade brasileira, a partir da Campanha Vidas Negras, a participar ativamente da construção de uma sociedade igualitária e livre do racismo. Vidas negras importam e não podem ser deixadas para trás.²⁵

²⁴ Nota emitida pelo Carrefour. Disponível em: <https://www.clubedecriacao.com.br/ultimas/joao-alberto/>. Acesso em: 10/06/2023.

²⁵ Nota emitida pela ONU Brasil. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/101792-nota-p%C3%BAblica-da-onu-brasil-sobre-morte-de-jo%C3%A3o-alberto-silveira-freitas>. Acesso em: 10/06/2023.

Segundo o Atlas da Violência 2021²⁶, ao analisar os dados coletados nos últimos dez anos (2009-2019), observa-se que a diminuição dos assassinatos no país foram predominantemente mais expressiva entre a população branca em comparação à população negra. Durante o período de 2009 a 2019, as taxas de homicídio diminuíram em 20,3%, sendo que a redução foi de 15,5% para a população negra e de 30,5% para a população branca. Portanto, a redução das taxas de homicídio entre os brancos é 50% maior do que entre a população negra.

A mídia, nosso objeto de investigação, representada pelas elites e seus trabalhadores, atua com uma lógica discriminatória. Esta não se limita a um tema especificamente, mas também se estende a outras áreas. Ela influencia as percepções das massas, consciente ou inconscientemente, com base no destaque que é dado a cada fato, na quantidade de vezes em que ele é mencionado nos noticiários e em outros fatores. Busca-se, portanto, realizar uma investigação detalhada sobre a forma como a mídia trata a questão racial, como os recursos são distribuídos de acordo com a função, periodicidade e localização. E, para compreender o caráter racial do crime envolvendo a morte de João Alberto, é necessário ter um entendimento profundo do histórico de exploração econômica e institucional que afeta a comunidade negra.

²⁶ Atlas da Violência 2021 – IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada). Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes/212/atlas-da-violencia-2021>. Acesso em: 10/06/2023.

5. Tendências e enfoques: análise das reportagens da Folha de São Paulo e Estadão sobre o caso João Alberto Silveira Freitas

Para realizar esta pesquisa optou-se por utilizar dois jornais, Folha de São Paulo e Estadão, ambos de grande abrangência e circulação no país que possuem sede em São Paulo, e que, segundo a ANJ – Associação Nacional de Jornais, são considerados como a maior circulação por assinatura em SP. No ranking da circulação paga impressa, a Folha fechou 2020 com média mensal 71.185 e o Estadão com 87.453.²⁷

Também, levou-se em consideração o fato desses dois jornais possuírem, tradicionalmente, posturas ideológicas distintas: A Folha é considerada, pelo senso comum, como mais “centrista”, enquanto o Estadão é visto como mais “conservador”. (OLIVEIRA, 2004, p.102).²⁸

No dia 19 de fevereiro, foi estabelecido o jornal "Folha da Noite". O periódico, fundado por Olival Costa e seu parceiro Pedro Cunha, tinha como destaque em suas notícias as falhas nos serviços públicos. A publicação também conduziu campanhas a favor do voto secreto, mostrando apoio ao tenentismo e ao Partido Democrático.²⁹

O jornal "O Estado de S. Paulo" teve sua origem como "A Província de São Paulo". Foi fundado por um grupo de republicanos, liderados por Manoel Ferraz de Campos Salles e Américo Brasiliense, que almejavam criar um diário de notícias para se opor à monarquia e à escravidão.³⁰

Para a realização desta pesquisa, foi adotado um estudo descritivo e foram utilizados métodos qualitativos e quantitativos para a análise retrospectiva das reportagens dos jornais Folha de São Paulo e Estadão, do dia 19 de novembro de 2020 (data do ocorrido) até 19 de março de 2021. O conteúdo das matérias analisadas deveria conter, no mínimo, um dos seguintes termos: Agressão, Carrefour, Homicídio, João Alberto Silveira Freitas, Racismo e Porto Alegre. No total foram analisadas 195 reportagens, sendo 95 delas do jornal Estadão e

²⁷ Folha encerra a década como o jornal com mais assinantes do país. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/01/folha-encerra-a-decada-como-o-jornal-com-mais-assinantes-do-pais.shtml>. Acesso em: 07/08/2023.

²⁸ OLIVEIRA, Fabiana Luci de. O Supremo Tribunal Federal no processo de transição democrática: uma análise de conteúdo dos jornais Folha de S.Paulo e Estado de S. Paulo. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 22, p. 101-118, jun. 2004. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/3664/2921>. Acesso em: 08/06/2023.

²⁹ Para mais informações sobre a história do jornal Folha de São Paulo: https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_20_30.htm. Acesso em: 08/06/2023.

³⁰ Para mais informações sobre a história do Jornal Estadão: https://acervo.estadao.com.br/historia-do-grupo/decada_1870.shtm#:~:text=O%20jornal%20O%20Estado%20de,a%20monarquia%20e%20a%20escravid%C3%A3o. Acesso em: 08/06/2023.

100 da Folha de S. Paulo. Na seção intitulada como apêndice é possível encontrar a relação dos dados coletados (p. 57).

A tabela a seguir refere-se à uma estatística descritiva para uma amostra de dados realizada pela autora que é utilizada para resumir um conjunto de dados. Foram coletados, portanto, 195 observações. A média (ou valor médio) é calculada somando todos os valores na amostra e dividindo pelo número total de observações. Nesse caso, a média é de 98.0. Isso significa que, em média, os dados da amostra têm um valor de 98.0. A mediana é o valor que divide a amostra ao meio, ou seja, metade dos valores estão abaixo dela e metade estão acima. Nesse caso, a mediana é de 98. Isso indica que o valor do meio da amostra é 98, e a distribuição dos dados parece ser simétrica em torno desse valor. Conclui-se então, que a média e a mediana são próximas, o que sugere uma distribuição aproximadamente simétrica dos dados. O valor médio dos dados é de 98.0.

Tabela 1 - Estatística Descritiva

	N	Média	Mediana
Número	195	98.0	98

A seguir, na Tabela 2 apresentamos os dados comparativos entre os jornais Estadão e Folha de S. Paulo, em relação a um caso específico. No qual, optou-se por fazer algumas classificações, dentre as quais serão listadas a seguir:

- a) Tipo de publicação: foram classificadas como opinião (colocadas pelo próprio jornal como opinião do editor ou do leitor) e reportagem (apenas a descrição de um fato ocorrido);
- b) Caráter da notícia: foram classificadas como negativa (quando não há a citação clara de racismo na matéria), neutra (conteúdo com característica intermediária, sem a determinação de que pudesse ser colocado em uma das duas categorias (positiva ou negativa), foi enquadrado como neutra) e positiva (quando é possível determinar de forma clara) e indiferente (quando por algum motivo o texto da matéria não se encontra disponível, no caso, apresenta-se somente o título) e;
- c) Matéria de capa: na qual foram colocadas como sim ou não.

<i>Teste Binomial dos dados coletados pela autora</i>					
	Nível	Contagem	Total	Proporção	P
Jornal	FSP	100	195	0.513	0.775
	OESP	95	195	0.487	0.775
Tipo de Publicação	Opinião	40	195	0.205	< .001
	Reportagem	155	195	0.795	< .001
Caráter da Notícia	Negativa	14	195	0.072	< .001
	Neutra	64	195	0.328	< .001
	Positiva	116	195	0.595	0.01
	Indiferente	1	195	0.005	< .001
Matéria de Capa	Sim	1	195	0.005	< .001
	Não	194	195	0.995	< .001
Nota. H_0 é proporção \neq 0.5					

A tabela acima apresenta uma coleção de dados que retratam a distribuição e proporção de diferentes categorias dentro de um conjunto de observações, aqui relacionadas a publicações em jornais. Em relação à distribuição entre os jornais Folha de São Paulo (FSP) e Estadão (OESP), observa-se que o "FSP" possui uma ligeira vantagem, representando aproximadamente 51.3% das ocorrências, enquanto o "OESP" contribui com cerca de 48.7%. Embora a diferença pareça sutil, essa discrepância pode indicar preferências dos leitores ou diferentes enfoques editoriais entre os jornais.

No que diz respeito ao "Tipo de Publicação", os dados destacam uma clara disparidade entre "Opinião" e "Reportagem". Enquanto as opiniões compõem apenas cerca de 20.5% do total, reportagens dominam a cena com uma representação de aproximadamente 79.5%. Isso pode sugerir uma ênfase significativa em reportagens factuais e informativas em detrimento de conteúdos opinativos. Analisando o "Caráter da Notícia", é evidente que a maioria das notícias apresenta um tom "Positivo" (59.5%), seguidas por "Neutra" (32.8%) e, em menor grau, notícias "Negativas" (7.2%). Essa distribuição assimétrica pode espelhar as preferências do público por histórias que promovem uma perspectiva otimista, bem como a influência editorial na seleção de notícias. Um aspecto interessante é a categoria "Matéria de Capa", onde apenas uma ocorrência (0.5%) se qualifica como tal. A esmagadora maioria (99.5%) não é categorizada como "Matéria de Capa". Essa distribuição indica que matérias de capa são raras, o que pode ser resultado de critérios rigorosos de seleção ou da natureza das histórias escolhidas para esse destaque. Os valores de "p" associados a cada categoria refletem a significância estatística dos

resultados. Valores baixos de "p" (<.001 ou 0.01) indicam que as diferenças observadas não são prováveis de terem ocorrido por acaso, reforçando assim a validade dos resultados e a presença de associações reais nas categorias analisadas.

Ao analisarmos a amostra utilizada, concluímos que ambos os jornais deram muita notoriedade ao fato, foram contabilizadas 195 matérias entre os dias 19 de novembro de 2020 a 19 de março de 2021, sendo 95 delas no jornal Estadão e 100 na Folha de S. Paulo. Ambos os jornais reconheceram através das matérias publicadas que houve ali um episódio de racismo estrutural. A seguir será colocado alguns exemplos:

Fausto Macedo, colunista do Estadão, em sua matéria publicada em 18 de março de 2021, intitulada “Nem todo consumidor é protegido da mesma forma”, na qual aborda a discriminação étnica e as dificuldades enfrentadas pelos consumidores negros no contexto das relações de consumo no Brasil, enfatiza a necessidade contínua de garantir a proteção e igualdade de direitos a todos os consumidores, independentemente de sua etnia, como se observa em parte da matéria, abaixo:

Consumidor é toda pessoa física, "inclusive a negra", que adquire ou utiliza produto ou serviço como destinatário final. É vedado ao fornecedor de produtos ou serviços, dentre outras práticas abusivas, "discriminar ou perseguir um consumidor no estabelecimento comercial, em razão" de sua etnia. (...) os recorrentes casos de discriminação racial envolvendo os consumidores negros, levam a crer que, decorridos mais de 30 (trinta) anos de vigência do CDC, o consumidor negro ainda se encontra numa grave posição de hipossuficiência estrutural, nas relações de consumo. Em outras palavras, há uma situação de desvantagem demasiada deste grupo de consumidores, em relação aos demais, como reflexo direto do racismo estrutural brasileiro.³¹

Outro exemplo, Renato Vasconcelos, em sua publicação, “Brasil e EUA ainda precisam promover a igualdade racial”, em 28 de fevereiro de 2021, ressalta que ambos os países enfrentam o desafio de diminuir essa disparidade e reestruturar suas instituições para promover uma sociedade mais diversa e igualitária. Essa conclusão foi apresentada durante os debates do projeto **Diálogos Brasil-EUA: A questão racial em debate**, realizado em parceria pelo jornal Estadão e a Embaixada e os consulados dos EUA no Brasil. O evento ocorreu durante o Black History Month (Mês da História Negra), um momento para destacar a importância da história e cultura afrodescendente. Ele ressalta que a morte de George Floyd teve um impacto profundo na sociedade americana, mobilizando tanto negros quanto brancos em protestos em todo o país,

³¹ Retirada da matéria, nem todo consumidor é protegido da mesma forma, escrita por Fausto Macedo em 18/03/2021. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/blog-do-fausto-macedo/nem-todo-consumidor-e-protegido-da-mesma-forma/>. Acesso em: 05/07/2023.

que buscavam mudanças nas abordagens policiais discriminatórias. Essa mobilização demonstra a importância de enfrentar e combater o racismo institucional e estrutural, seja nos EUA ou no Brasil. Confira o que foi dito pelo colunista:

A diminuição da desigualdade racial e a reestruturação das instituições para promover uma sociedade mais diversa são alguns dos desafios de Brasil e EUA para os próximos anos. A conclusão foi apresentada durante os debates Diálogos Brasil-EUA: A questão racial em debate, projeto realizado em parceria pelo Estadão e a Embaixada e os consulados dos EUA no Brasil. O evento foi promovido para marcar o Black History Month (Mês da História Negra). Mesmo com as diferenças entre os países sendo pontuadas, os debatedores convidados – com experiências diversas no mercado, na academia, na administração pública e no terceiro setor – mostraram pontos de convergência entre os obstáculos à igualdade racial nos dois contextos e aspectos semelhantes na luta identitária por direitos e justiça, como os atos antirracistas de 2020 nos EUA, após a morte de George Floyd, que se espalharam pelo mundo, inclusive pelo Brasil. Os casos de Floyd, em Minneapolis, e João Alberto Freitas, em Porto Alegre, foram apontados como momentos de virada no combate ao racismo estrutural durante o primeiro painel do evento, que discutiu políticas afirmativas e cotas. O prefeito de Apex, na Carolina do Norte, Jacques Gilbert, ressaltou que a morte de Floyd teve um impacto profundo na sociedade americana, sendo capaz de mobilizar negros e brancos em protestos por todo o país para cobrar mudanças nas abordagens policiais discriminatórias.³²

Rayssa Motta e Pepita Ortega, editoras do Jornal Estadão, em sua matéria, “Promotoria no Rio Grande do Sul denuncia seis por assassinato de homem negro no Carrefour”, descreve a denúncia feita pelo Ministério Público do Rio Grande do Sul contra seis pessoas pelo assassinato de João Alberto Silveira Freitas, segundo elas, a investigação conduzida pela delegada Roberta Bertoldo aponta que a atitude dos agressores foi motivada pelo racismo estrutural presente no país, além do fato de a vítima possuir uma condição socioeconômica inferior. A falta de detalhes sobre o que motivou a reação violenta dos agressores é destacada, e o texto menciona que cerca de 40 pessoas foram ouvidas no decorrer da investigação. Em suas palavras:

O Ministério Público do Rio Grande do Sul denunciou nesta quinta-feira, 17, seis pessoas pelo assassinato de João Alberto Silveira Freitas, 40, homem negro espancado por dois seguranças em uma unidade do supermercado Carrefour, na zona norte de Porto Alegre, na véspera do Dia da Consciência Negra. O caso gerou uma série de protestos contra o racismo pelo País. No documento, o promotor André Gonçalves Martinez acusa ainda um 'perfil abusivo e temerário no emprego de violência' e defende que qualquer um dos seis denunciados poderia e deveria ter feito uma intervenção para evitar a morte de João Alberto. O grupo já havia sido indicado no caso, também por homicídio triplamente qualificado, pela Polícia Civil do Rio Grande do Sul. Cerca de 40 pessoas foram ouvidas na investigação conduzida pela delegada Roberta Bertoldo. Ela afirma que a atitude dos agressores ocorreu em decorrência do racismo estrutural vivido no País, somado ao fato de a vítima ter uma

³² Retirada da matéria, Brasil e EUA ainda precisam promover a igualdade racial, escrita por Renato Vasconcelos em 28/02/2021. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/internacional/brasil-e-eua-ainda-precisam-promover-a-igualdade-racial/>. Acesso em: 05/07/2023.

condição socioeconômica inferior, uma vez que 'nenhuma testemunha foi capaz de detalhar o que motivou aquela reação violenta'.³³

”Precisamos nos enxergar como povo negro”, diz Seu Jorge sobre racismo estrutural. Esse é o título da entrevista que Gilberto Amendola fez com Seu Jorge. O entrevistado expressa uma crítica à declaração do vice-presidente General Mourão sobre a inexistência de racismo no Brasil, feita na semana da Consciência Negra após o espancamento e morte de José Alberto de Silveira Freitas. Ele considera a declaração do vice-presidente condenável e o acusa de estar desconectado da realidade ao negar a existência do racismo no país. O texto enfatiza a importância de compreender o conceito de racismo estrutural, apontando-o como um dos principais problemas enfrentados pela sociedade. O entrevistado indica a leitura do autor Silvio Almeida, que provavelmente trata do tema do racismo e de suas raízes estruturais no Brasil. A crítica também se volta ao fato de o vice-presidente utilizar o termo "pessoa de cor" em vez de mencionar a palavra "negro", o que é interpretado como uma tentativa de evitar abordar diretamente a questão racial. Seu Jorge destaca a brutalidade do assassinato de José Alberto Silveira Freitas e expressa a esperança de que todos compreendam a importância de lutar contra o racismo, inclusive contando com o apoio de pessoas brancas na causa.

Na semana da Consciência Negra, após José Alberto de Silveira Freitas ser espancado e morto, o vice-presidente General Mourão disse que não existe racismo no Brasil. O que você acha dessa declaração? É uma declaração condenável. O nosso vice-presidente está vivendo num outro universo. Ele precisa entender mais sobre racismo estrutural, um dos nossos principais problemas. Indico que ele leia o Silvio Almeida. Mourão está numa posição muito importante e, se não me engano, acho que ele nem usa a palavra negro. Fala 'pessoa de cor'. Não consegue nem mencionar. A morte desse homem negro no Carrefour carrega a dor do mundo inteiro, é de uma brutalidade horrorosa. Torço para que todos entendam isso porque precisamos do branco para lutarmos contra o racismo. Arrisco dizer que, nos meus 50 anos de idade, não me lembro de nenhum homem negro envolvido em escândalos de corrupção não me lembro de nenhuma personalidade negra envolvida com mensalão, petrolão.³⁴

“Quando roubar não é crime (se você for branco)”, matéria escrita por André Fran, trata da experiência pessoal de alguém que relembra um incidente de sua adolescência, em que ele se viu envolvido em uma situação que poderia ser considerada como vandalismo ou roubo em um supermercado de São Paulo. Ele menciona que compartilhou essa história nas redes sociais

³³ Retirada da matéria, Promotoria no Rio Grande do Sul denuncia seis por assassinato de homem negro no Carrefour. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/blog-do-fausto-macedo/promotoria-no-rio-grande-do-sul-denuncia-seis-por-assassinato-de-homem-negro-em-supermercado/>. Acesso em: 01/07/2023.

³⁴ Retirada da matéria, 'Precisamos nos enxergar como povo negro', diz Seu Jorge sobre racismo estrutural, escrita por Gilberto Amendola em 30/11/2020. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/cultura/gilberto-amendola/precisamos-nos-enxergar-como-povo-negro-diz-seu-jorge-sobre-racismo-estrutural/>. Acesso em: 01/07/2023.

e, ao fazer isso, recebeu muitos relatos de jovens brancos que tiveram comportamentos rebeldes semelhantes. Veja a seguir:

Lembrei dessa história cerca de um ano atrás, quando um adolescente negro de 17 anos foi detido, amordaçado e chicoteado com fios elétricos por supostamente ter furtado uma barra de chocolate em um supermercado de São Paulo. Na época, compartilhei minha experiência de “adolescente rebelde” nas redes sociais. Fiquei impressionado com a avalanche de relatos semelhantes de outros tantos “ex-jovens” brancos como eu. Ao que tudo indica, pouco mudou dos meus tempos de juventude para o Brasil atual. Essa fase da vida em que passeamos entre o perigo e o ridículo para aprender sobre limites é ainda hoje um exemplo de privilégio branco. Minha experiência pessoal mostrava que, para além da violência em si, é especialmente significativo o fato de um jovem negro em um shopping ser tratado como culpado mesmo quando inocente, enquanto o jovem branco é considerado inocente mesmo quando culpado. O racismo estrutural em uma de suas faces mais cruéis. No meu caso, o episódio virou apenas uma memória (ridícula) da juventude. Não deixou em mim cicatrizes físicas ou psicológicas. E nem me levou ao óbito. Diferente do que aconteceu semana passada com mais um cidadão negro, dessa vez João Alberto Silveira, o Beto, da minha idade, que foi espancado até a morte por dois seguranças brancos em uma unidade do Carrefour em Porto Alegre. Impossível para alguém que fez uma carreira analisando questões locais em um panorama global não relacionar esse trágico ocorrido com o assassinato de outro homem negro pelas mãos das autoridades. No caso, George Floyd: morto covardemente por policiais brancos em Minnesota, nos Estados Unidos. As semelhanças entre os dois episódios não podem ser ignoradas.³⁵

“Um país racista ou desigual? ”, texto escrito por Hélio Schwartsman, colunista da Folha de S. Paulo, aborda a questão da desigualdade social e do racismo no Brasil, destacando que o país é marcado por ambos os problemas simultaneamente. Ele começa enfatizando que não é uma tarefa simples separar os efeitos da desigualdade social e do racismo, pois frequentemente os dados apresentados englobam ambos os fatores, colocando a responsabilidade total no racismo. As estatísticas do IBGE são mencionadas para ilustrar a disparidade salarial entre trabalhadores brancos e negros, onde os brancos recebem quase 70% a mais que os negros. No entanto, o texto destaca que existem razões legítimas para explicar essas diferenças, como histórico educacional, cargo ocupado, tempo de trabalho, entre outros fatores. Quando grupos semelhantes são comparados, ou seja, negros e brancos com o mesmo nível educacional ou ocupando cargos hierárquicos equivalentes, as disparidades diminuem, mas não desaparecem, sugerindo que a cor da pele também influencia nas diferenças salariais.

O Brasil é um país desigual ou é um país racista? Ele é as duas coisas ao mesmo tempo, e destrinchá-las não é trivial. São conhecidas as estatísticas do IBGE que informam que trabalhadores brancos ganham quase 70% mais do que negros. A dificuldade com esse dado, da forma que costuma ser apresentado, é que ele soma os efeitos da desigualdade social com os do racismo e põe tudo na conta do segundo. Há

³⁵ Retirada da matéria, Quando roubar não é crime (se você for branco), escrito por André Fran em 27/11/2020. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/brasil/andre-fran/quando-roubar-nao-e-crime-se-voce-for-branco/>. Acesso em: 01/07/2023.

motivos legítimos para explicar diferenças salariais, como história educacional, cargo exercido, tempo de casa etc. Quando comparamos grupos semelhantes, isto é, negros e brancos com o mesmo grau de instrução, ou que ocupem postos no mesmo nível hierárquico, as disparidades diminuem. O problema é que só diminuem, sem desaparecer, sinal de que a cor da pele também faz diferença. Há interessantes trabalhos, como o de André Salata (PUC-RS), que tentam separar os efeitos diretos do racismo dos indiretos, mediados por pobreza, educação. E o mercado de trabalho é só uma das esferas em que o racismo estrutural se manifesta. Estudos mostram que negros também sofrem discriminação no sistema de Justiça (é mais provável um jovem negro apanhado com maconha ser enquadrado como traficante do que um branco flagrado na mesma situação) e até em hospitais (o controle de dor é mais precário para pacientes negros).³⁶

Pablo Ortellado, em “Racismo no Carrefour”, aborda o assassinato de Beto Freitas em um supermercado em Porto Alegre e como esse evento se tornou parte das chamadas “guerras culturais”. As vozes conservadoras estão criticando os progressistas, acusando-os de ver racismo onde eles afirmam que não existe, e de dividir uma sociedade que eles consideram racialmente integrada. Segundo Ortellado, a principal crítica dos conservadores é direcionada ao conceito de racismo estrutural. Eles argumentam que o racismo se limita apenas a casos óbvios de preconceito e intolerância com motivação racista manifesta. Para eles, é necessário entender as circunstâncias que levaram à morte de Beto Freitas e verificar se há evidências de motivação racista, como injúrias raciais proferidas, para justificar o uso do termo “racismo”. Sem esses elementos, consideram a alegação de racismo prematura e injustificada, alegando que isso mostra apenas um esforço da esquerda em promover a divisão em uma sociedade que eles acreditam ser racialmente bem integrados. Veja:

Até mesmo o torpe assassinato de Beto Freitas em um supermercado em Porto Alegre foi capturado pelas guerras culturais, com vozes conservadoras acusando os progressistas de enxergar racismo onde não havia e dividir uma sociedade racialmente integrada. A principal crítica desses conservadores tem sido quanto ao emprego do conceito de racismo estrutural. Para eles, o racismo se restringiria apenas àqueles episódios de preconceito e intolerância com motivação racista manifesta. Seria preciso, então, entender as circunstâncias que levaram à morte de Beto Freitas: se havia algum fato anterior que pudesse justificar o uso excessivo de força e se haveria evidência de motivação racista, como alguma injúria racial que tivesse sido proferida. Sem esses elementos, a alegação de racismo seria prematura e injustificada e mostraria apenas um esforço da esquerda em promover a divisão em uma sociedade conhecida por ter uma integração racial bem-sucedida.³⁷

³⁶ Retirada da matéria, Um país racista ou desigual?, escrita por Hélio Schwartzman em 23/11/2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/helioschwartzman/2020/11/um-pais-racista-ou-desigual.shtml>. Acesso em: 01/07/2023.

³⁷ Retirada da matéria, Racismo no Brasil, escrita por Pablo Ortellado em 23/11/2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/pablo-ortellado/2020/11/racismo-no-carrefour.shtml>. Acesso em: 01/07/2020.

A matéria “Câmara dos Deputados tem atuação negativa em agenda antirracista, aponta estudo, escrita por Angela Boldrini”, relata um estudo conduzido pelo Observatório do Legislativo Brasileiro (OLB), que analisou a atuação da Câmara dos Deputados entre os anos de 2015 e 2018 em relação à promoção da igualdade racial. O estudo revela que a Câmara teve uma atuação pequena e majoritariamente contrária à agenda de combate ao racismo e promoção da igualdade racial durante esse período. O presidente da Câmara na época, Rodrigo Maia (DEM-RJ), que se autodeclarou como pardo nas eleições de 2018, falou sobre a necessidade de tornar o combate ao racismo uma agenda permanente e prioritária dos deputados. Ele fez essa afirmação durante a instalação de uma comissão externa para investigar o assassinato de João Alberto Silveira Freitas, um homem negro morto por seguranças de um supermercado Carrefour em Porto Alegre. Rodrigo Maia reconheceu que o racismo é uma questão estrutural na sociedade brasileira e destacou a importância de debater esse assunto com a sociedade e incluí-lo definitivamente na pauta da Câmara dos Deputados. Nos termos da matéria:

A Câmara dos Deputados teve atuação pequena e majoritariamente contrária à agenda de promoção da igualdade racial entre os anos de 2015 e 2018, mostra estudo conduzido pelo OLB (Observatório do Legislativo Brasileiro). O presidente da Casa, Rodrigo Maia (DEM-RJ), que se autodeclarou pardo nas eleições de 2018, afirmou no final de novembro que o combate ao racismo deve se tornar uma agenda permanente e prioritária dos deputados. O parlamentar falou durante a instalação de comissão externa para apurar o assassinato de João Alberto Silveira Freitas, 40, por seguranças de um Carrefour em Porto Alegre. "Infelizmente a gente sabe que o racismo é uma questão estrutural", afirmou Maia. "Acho que nós precisamos aproveitar esse momento para que a gente possa fazer um debate com a sociedade e que a gente possa incluir de forma definitiva na pauta da Câmara essa questão." O estudo ao qual a Folha teve acesso mostra que o combate ao racismo não teve destaque na 55ª legislatura, de 1º de fevereiro de 2015 a 31 de janeiro de 2019.³⁸

Na matéria intitulada “Setor privado tem oportunidade histórica para romper pacto racista”, escrita por Atila Roque, aborda-se o impacto do racismo na vida das pessoas negras, destacando que em 2020 esse tema se tornou um assunto inevitável de debate público em várias partes do mundo. O autor menciona que os dados sobre a alta letalidade da pandemia de Covid-19 em populações negras, especialmente nos Estados Unidos e Brasil, foram acompanhados por uma onda de protestos após o assassinato de George Floyd durante uma abordagem policial nos EUA. Esses eventos trouxeram à tona a luta histórica dos negros brasileiros para que o racismo estrutural seja reconhecido como um fator determinante das desigualdades sociais no

³⁸ Retirada da matéria, Câmara dos Deputados tem atuação negativa em agenda antirracista, aponta estudo, escrito por Angela Boldrini em 11/12/2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/12/camara-dos-deputados-tem-atuacao-negativa-em-agenda-antirracista-aponta-estudo.shtml>. Acesso em 01/07/2023.

Brasil. No contexto brasileiro, o texto apresenta uma realidade preocupante. Apesar de serem a maioria da população, as pessoas negras enfrentam altos índices de homicídios, com 71% das vítimas sendo negras, a maioria jovens. Além disso, 70,8% das pessoas em situação de pobreza são negras, revelando uma relação entre raça e pobreza no país. Outro ponto de desigualdade é a baixa representação de negros em cargos executivos de empresas, com apenas 5% ocupando essas posições, e a escassa presença de negros no cenário político, onde apenas 24% dos deputados federais se identificam como negros. Em resumo, o texto destaca como o racismo estrutural afeta negativamente a vida das pessoas negras no Brasil, resultando em disparidades em áreas como segurança, pobreza e representação política. Os eventos de 2020, incluindo a pandemia e os protestos após a morte de George Floyd, trouxeram maior visibilidade a essa luta histórica por igualdade e justiça para a população negra. Como exposto a seguir:

O impacto do racismo sobre a vida das pessoas negras se impôs, em 2020, como um tema inevitável de debate público em quase todas as regiões do mundo. Aos dados que já vinham sendo coletados sobre a alta letalidade da pandemia de Covid-19 nas populações negras em países como Estados Unidos e Brasil, somou-se a onda de protestos decorrente do assassinato de George Floyd, durante uma abordagem policial no estado de Minnesota, nos EUA, em maio desse ano. No Brasil não foi diferente. Os protestos massivos no mundo inteiro deram visibilidade a luta histórica dos negros brasileiros, para que o racismo estrutural seja considerado fator determinante das desigualdades sociais no Brasil. Como diz um manifesto recente da Coalizão Negra Por Direitos, “com racismo não há democracia”. O retrato do país nesse aspecto, em que pese a maioria negra da população, é efetivamente desolador, e um breve olhar para a nossa realidade não deixa dúvidas: 71% das vítimas de homicídios são negras, a maioria jovens; 70,8% das pessoas em situação de pobreza são negras; apenas 5% dos cargos executivos em empresas são ocupados por negros e apenas 24% dos deputados federais se identificam como negros, para mencionar alguns dos dados existentes.³⁹

³⁹ Retirada da matéria, Setor privado têm oportunidade histórica para romper pacto racista, escrita por Atila Roque em 21/12/2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/12/setor-privado-tem-oportunidade-historica-para-romper-pacto-racista.shtml>. Acesso em: 01/07/2020.

Considerações finais

Como citado anteriormente, é mostrado que a maioria das notícias relacionadas ao caso João Alberto apresenta um tom "Positivo" (59.5%), seguidas por "Neutra" (32.8%) e, em menor grau, notícias "Negativas" (7.2%). Abaixo é colocado um exemplo para cada categoria.

Como exemplo de uma notícia neutra em que o conteúdo possui uma característica intermediária, sem a determinação de que pudesse ser colocado em uma das duas categorias (positiva ou negativa), temos uma matéria intitulada, “as lições que as empresas devem tirar da tragédia ocorrida no Carrefour”, escrita por Fausto Macedo:

Na condição de quem ocupou privilegiado posto de atuação como líder de classe que lida todos os dias com milhões de cidadãos consumidores, quero utilizar este espaço para análise das causas e consequência de fatos que emergem diante da morte violenta de um cidadão negro no Carrefour de Porto Alegre, o Sr. João Alberto Silveira Freitas. Neste recorte sobre reflexos judiciais e econômicos o que deve ficar bem claro, antes de tudo, é que escolher mal terceirizados pode resultar em extinção da empresa, com gigantescas dívidas sobrando para os sócios. A morte, causada pela agressão de dois seguranças brancos, mostra o risco que corre qualquer empresa que contrata terceirizados sem levar em conta quem está contratando, quem será enviado pela contratada para prestar serviços. O Carrefour terá prejuízo material e moral, imensos. Material com a redução de vendas, decorrentes de quebra-quebra, fechamento de portas por vários dias. Podemos citar com dano moral o desgaste da imagem da empresa, de sua marca e conceito. Quanto custará recuperar minimamente a confiança dos consumidores? Há ainda prejuízos financeiros diretos, decorrentes dos danos emergentes citados, menos dinheiro aplicado e reservas. E só na bolsa suas ações caíram mais de 2 bilhões de reais. O dano é maior por ser empresa que lida diretamente com a população, com consumidores, por ter em cada grande cidade concorrentes e entidades da sociedade civil que passarão a fiscalizá-lo cotidianamente. Leve-se em conta que o Carrefour não é primário, como se diz no direito penal, possuindo histórico negativo. Valor significativo será calculado para indenização à família do falecido. A perda de ente de uma família é irreparável, mas no mínimo está tem direito a dano moral, possivelmente meio milhão de reais, mais pensão mensal, algo como $\frac{3}{4}$ do que ele ganhava, até que completasse 75 anos, idade provável de seu falecimento por causas naturais. É $\frac{3}{4}$ por supor que o Sr. Freitas gastaria pelo menos $\frac{1}{4}$ com despesas pessoais. Se ficasse paraplégico ou algo parecido, o Carrefour teria que pagar ainda pelo menos três cuidadores (revezando-se, quiçá mais um nos fins de semana), enquanto ele estivesse vivo, mais gastos com hospitais, remédios, cuidados com recuperação e tantos outros. Muito provavelmente, teria que constituir capital para garantir esses pagamentos, cerca de R\$ 10 milhões de reais.⁴⁰

Representando a categoria positiva, temos a matéria que tem por título, “No Brasil não existe racismo: fala de Mourão é a mais racista das frases”, de autoria de Jânio de Freitas.

“No Brasil não existe racismo.” Essa é a mais racista das frases entre nós. Seu autor é um general, um dia eleito presidente do Clube Militar como reconhecimento às suas manifestações extremistas. Com a elevação à liderança do radicalismo de direita, no mesmo ano foi indicado pelo comando do Exército para completar a candidatura de

⁴⁰ As lições que as empresas devem tirar da tragédia ocorrida no Carrefour. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/blog-do-fausto-macedo/as-licoes-que-as-empresas-devem-tirar-da-tragedia-ocorrida-no-carrefour/>. Acesso em: 07/08/2023.

Jair Bolsonaro, assim chegando à mais alta condição atual de um militar brasileiro — general-vice-presidente da República. Considerar que inexistente racismo no Brasil é dizer que toda a discriminação social sofrida pela negritude, sua desvalorização remuneratória, a maior vitimação nas ações policiais, a proporção maior na pobreza, e tanto mais, compõem um tratamento correto aplicado pelos brancos e merecido pelos negros. Em tal caso, o que é racismo, raiz da violência mais disseminada no tempo e no planeta, seria considerado o humanamente normal e o legalmente adequado para os negros. É o que a sentença do general-vice proclama. Nos últimos anos, temos convivido com uma forma de poder em que se combinam a anti-ideia, a obtenção dos canais da percepção, a disfunção da experiência, a recusa ao conhecimento e à compreensão. Não é exclusividade do Brasil, Trump e metade dos Estados Unidos mostram-se com autenticidade, para engasgo dos que jamais quiseram vê-los como são. Aqui, porém, chega a parecer que os últimos anos cumprem programas perversos para exibir as crueldades da realidade. É o que faz o batalhão de generais na ativa do governo e adjacências. Caso houvesse um programa para arruinarem a imagem do Exército, não seria diferente do que nos mostram. O Exército que chegou ao governo Bolsonaro era um, outro é o que a opinião pública vê. Bolsonaro, até na volta ao “capitão”, e Exército se entrelaçam. A noção, entre militares, desse dano institucional ficou perceptível em referências à desvinculação entre Exército e governo. Embora sem efeito, que palavras não desfazem esse nó muito cego.⁴¹

Agora representando a categoria negativa, temos a seguinte matéria que tem como chamada, “Defesa de segurança do Carrefour nega intenção de matar Beto Freitas ou motivação racista”, escrita por Waleska Borges:

A defesa do policial militar Giovane Gaspar da Silva, 24, um dos seguranças presos pelo assassinato de João Alberto Silveira Freitas, 40, conhecido como Beto Freitas, em uma unidade do Carrefour de Porto Alegre, nega a intenção de matá-lo ou motivação racista e levanta a hipótese de que a vítima pode ter morrido em decorrência de um ataque cardíaco. “A perícia também traz como provável causa um ataque cardíaco. Suspeita-se também que o senhor João Alberto estaria sob efeitos de entorpecentes tamanha a força que ele tinha no momento. Ele também tinha os olhos soltados e a íris expandida”, diz o advogado de defesa, David Leal. O IGP-RS (Instituto Geral de Perícias do Rio Grande do Sul) apontou, em análise inicial, que a vítima morreu por asfixia. Imagens obtidas pela Folha mostram que Beto Freitas, 40, foi asfixiado por quase quatro minutos, diante de 15 testemunhas, após ser espancado por pelo menos dois minutos por dois seguranças. Leal também afirma que o seu cliente também não teve a intenção de matar João Alberto e não agiu de forma por racismo. “O meu cliente não teve a intenção de matar. Ele não agiu por nenhum ato racista. Ele, inclusive, tem parentes negros, o pai dele é pardo, e não tem de forma alguma qualquer preconceito quanto a isso. O Brasil é um país que é preconceituoso, com toda certeza. Existe racismo, mas, analisando, concretamente, o fato não tem nada a ver com isso”, diz Leal. O advogado afirma que não houve conduta dolosa. De acordo com ele, a intenção era conter João Alberto, que estaria “completamente descontrolado”. A defesa alega que o policial foi chamado ao caixa e chegou a apaziguar a situação. “Ele [João Alberto] foi conduzido até a saída para onde o senhor se encaminhou voluntariamente. Na saída, perto da porta, surpreendentemente, o senhor João Alberto desferiu um soco no rosto do meu cliente. Meu cliente diz que depois ele ainda acertou outro soco. Ele [Giovane] tomou dois socos no rosto”, diz Leal. O vídeo mostra apenas um soco desferido por Freitas. Ainda de acordo com o advogado, na tentativa de conter João Alberto, outras pessoas se aproximaram. “Na verdade, se formos bem justos aos fatos, mais pessoas estão envolvidas. Teve cliente

⁴¹ No Brasil não existe racismo: fala de Mourão é a mais racista das frases. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/janiodefretas/2020/11/no-brasil-nao-existe-racismo-fala-de-mourao-e-a-mais-racista-das-frases.shtml>. Acesso em: 07/08/2023.

que chegou ali chutando a cabeça do senhor João Alberto, pessoas que também o agrediram porque viram o que ele havia feito dentro do mercado, mas de forma alguma o resultado morte é justificado." Ele não deu mais detalhes sobre o que teria ocorrido antes. O advogado diz que lamenta a morte de João Alberto, que presta sentimentos à família dele e que acredita que os responsáveis têm que responder pelos fatos, mas nos limites da lei.⁴²

Fazendo uma análise comparativa entre os dois jornais, podemos ver que ambos apresentaram uma quantidade significativa de reportagens positivas, com o Jornal Estadão tendo uma porcentagem um pouco maior (63,16%) em comparação com o Jornal Folha de São Paulo (56%). A categoria "neutra" também foi proeminente em ambos os jornais. O Jornal Estadão tinha um percentual de 26,32% de reportagens neutras, enquanto o Jornal Folha de São Paulo apresentou um percentual um pouco maior, com 39%. O Jornal Estadão tinha uma proporção um pouco mais alta de reportagens negativas (9,47%) em comparação com o Jornal Folha de São Paulo (5%). Isso sugere que o Jornal Estadão pode ter dado um pouco mais de atenção a notícias desfavoráveis. Confira nas tabelas 3 e 4 a seguir:

Tabela 3 - Caráter da notícia (Jornal Folha de S. Paulo)

Categoria	Número de reportagens	percentual
Positivas	56	56%
Neutras	39	39%
Negativas	5	5%
Indiferentes	0	0%

Tabela 4 - Caráter da notícia (Jornal Estadão)

Categoria	Número de reportagens	Percentual
Positivas	60	63,16%
Neutras	25	26,32%
Negativas	9	9,47%
Indiferentes	1	1,05%

Ambos os jornais têm uma proporção considerável de reportagens positivas, demonstrando que os dois reconhecem que houve racismo no caso João Alberto Silveira Freitas, caso contrário o que predominaria seriam as notícias categorizadas como negativas. Os jornais

⁴² Defesa de segurança do Carrefour nega intenção de matar Beto Freitas ou motivação racista. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/11/defesa-do-seguranca-do-carrefour-diz-que-beto-freitas-pode-ter-morrido-de-ataque-cardiaco-e-nega-racismo.shtml>. Acesso em: 07/08/2023.

também possuem uma quantidade significativa de reportagens neutras. Isso sugere que ambos os veículos se esforçam para fornecer informações de maneira imparcial e objetiva, apresentando os fatos sem uma opinião clara quando se faz necessário. Os dados podem sugerir diferentes abordagens editoriais nos dois jornais. As proporções variadas de polaridades podem refletir as prioridades de cobertura, o público-alvo e as estratégias editoriais adotadas por cada jornal. Embora ambos os jornais apresentem uma quantidade considerável de reportagens positivas e neutras, o Jornal Estadão tem uma proporção maior de reportagens negativas em comparação com o Jornal Folha de São Paulo.

A partir das evidências e ilustrações apresentadas ao longo deste trabalho, é claramente dedutível que um preconceito profundo existe e pode ser replicado por todos, independentemente da esfera social em que se encontram. Consequentemente, perpetuam-se atitudes regressivas que negam a presença de preconceitos na sociedade, quando, na realidade, eles estão presentes e têm um impacto devastador, levando à opressão e à sensação de inferioridade nas pessoas. Assim, é imprescindível que a sociedade como um todo compreenda como evitar e combater essas atitudes preconceituosas. Ao explorarmos o contexto histórico em que o racismo se enraizou no país, fica evidente que os discursos disseminados na sociedade e as informações constantemente veiculadas contribuíram para criar uma cultura inundada de preconceitos. Mas qual é o papel da mídia nessa história?

O papel da mídia na perpetuação e na manutenção do racismo estrutural é significativo e complexo. A mídia desempenha um papel crucial na moldagem da opinião pública e na formação de atitudes e percepções coletivas. Ela pode tanto contribuir para a disseminação de estereótipos e preconceitos quanto ser uma ferramenta poderosa para desafiar e combater essas atitudes.

A mídia muitas vezes retrata grupos étnicos, raciais, religiosos, de gênero, entre outros, de maneiras estereotipadas. Essas representações equivocadas podem reforçar preconceitos existentes e criar novos, já que as pessoas podem internalizar esses estereótipos como verdadeiros. Ela, pode perpetuar preconceitos ao dar destaque desigual a determinados grupos. Se grupos minoritários são sub-representados ou retratados apenas em contextos negativos, isso pode contribuir para a marginalização e a percepção de inferioridade.

Para usar a mídia de forma eficaz na minimização do racismo estrutural no Brasil, é importante considerar alguns pontos, por exemplo, ela deve-se esforçar para retratar a diversidade étnica do país de maneira autêntica e positiva. Isso inclui dar espaço para pessoas de diferentes origens étnicas em papéis variados, indo além de estereótipos. Os veículos de comunicação podem trabalhar para criar e promover narrativas que desafiem o racismo,

destaquem suas consequências prejudiciais e promovam a conscientização sobre o valor da igualdade e diversidade. A mídia pode oferecer plataformas para vozes marginalizadas, permitindo que pessoas negras e de outras minorias étnicas expressem suas perspectivas, experiências e opiniões sobre questões sociais, econômicas e políticas, por exemplo dentro de uma coluna do jornal. Consequentemente, devido ao seu poder de alta circulação no país, ela tem a capacidade de educar o público sobre o racismo, fornecendo informações precisas e contextuais sobre a história do Brasil, as raízes do racismo e suas manifestações contemporâneas.

Parcerias com especialistas em questões raciais, antropologia, sociologia e psicologia podem ajudar a informar o conteúdo da mídia e garantir uma abordagem sensível e precisa em relação ao tema do racismo. E, também assumir a responsabilidade por suas escolhas editoriais e procurar ativamente corrigir quaisquer erros, retratando grupos étnicos de maneira justa e precisa. Ainda, lançar campanhas de conscientização que visam sensibilizar o público sobre o racismo, facilitando discussões abertas e construtivas sobre o racismo.

Ao adotar tais pontos e os levar em consideração, os jornais em circulação no Brasil podem desempenhar um papel importante na não manutenção do racismo estrutural no país e contribuir para a construção de uma sociedade mais igualitária e inclusiva.

Utilizando o caso João Alberto como base para a nossa pesquisa, podemos concluir que a mídia pode sim agir de forma a não manter a manutenção do racismo estrutural no país levando em consideração o percentual total de notícias categorizadas como positivas.

É essencial reconhecer que, se não houver uma mudança significativa em nossa atitude, cultura e comportamento, continuaremos a testemunhar tragédias causadas pelo racismo contra pessoas negras, mesmo neste suposto paraíso racial. Na situação atual, aqueles que optam por não se posicionar contra o racismo estão, de fato, contribuindo para sua perpetuação. Desconsiderar a luta contra o racismo equivale a ser cúmplice da ideia de que é aceitável que alguém seja assassinado simplesmente por ser negro. Essa transformação não se restringe apenas à maioria da população negra do país, que representa a maior comunidade negra fora da África, mas constitui um apelo a todos os brasileiros para melhorarem suas interações humanas, independentemente de suas origens étnicas. O objetivo é alcançar um futuro no qual o sonho de uma nação livre do racismo seja proclamado pelos próprios indivíduos historicamente oprimidos - os negros -, em vez de ser algo que os brancos afirmem em seu nome.

Referências

- ALMEIDA, Sílvio Luiz. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- CAREY, James. (1973), "**A cultural approach in communication**". Urbana-Champagn, Institute of Communications Research, University of Illinois, mimeo. (Publicado posteriormente em *Communication*, 2, 1975, pp. 1-22.
- CERQUEIRA, Daniel. BUENO, Samira, et al. **Atlas da violência 2019**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; 2019.
- CERQUEIRA, Daniel Ricardo de Castro Coordenador et al. **Atlas da violência 2021**. 2021. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/11004>. Acesso em: 29 jun. 2023.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. Cortez editora, 2018.
- COGGIOLA, Osvaldo. **Um crime de raça e de classe: comentário sobre o assassinato de João Alberto Silveira Freitas**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/um-crime-de-raca-e-de-classe/>. Acesso em: 29 jun. 2023.
- DA SILVA BORGES, Roberto Carlos; DA SILVA BORGES, Rosane (Ed.). **Mídia e racismo**. ABPN, 2012.
- DE OLIVEIRA, Dennis. **Racismo estrutural: uma perspectiva histórico-crítica**. Dandara Editora, 2021.
- DE CARVALHO SILVA, Priscila Thayane; DA SILVA, Camila Ferreira; GAMA, Fernanda Cavalcante. **O racismo científico no Brasil: Os discursos discriminatórios nas gêneses das Escolas de Direito e Medicina e o uso do título de doutor nas profissões**. *Letras de hoje*, v. 57, n. 1, p. e43565-e43565, 2022.
- FRANKENBERG, Ruth. **White Women, Race Matters: the social construction of whiteness**. Minneapolis, University of Minnesota Press, 1995.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. 42. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- GOMES, Laurentino. **Escravidão–Vol. 1: Do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares**. Globo Livros, 2019.
- GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Racismo e antirracismo no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. Liv Sovik (org). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Tradução Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

MUNANGA, Kabengele. **Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo**. Cadernos Penesb–Periódico do Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira (Especial curso ERER), n. 12, p. 1-384, 2010.

OLIVEIRA, Dennis de. **Racismo estrutural – apontamentos para uma discussão conceitual**. Disponível em: <http://movimientos.org/es/dhplural/foro-racismo/show_text.php3%3Fkey%3D371>. Acesso em 16/07/2023.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense/Publifolha, 2000.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana**. 2012. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SODRÉ, Muniz. **Sobre Imprensa Negra**. Facom/UFJF: Lumina, v. 1, n.1, p. 23-32, jul./dez. 1998.

SOUZA, T. **A Troia Negra de Nina Rodrigues: o Quilombo dos Palmares um espaço do racismo científico**. QUIPUS - ISSN 2237-8987, v. 2, n. 2, p. 93-109, 22 ago. 2013.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

VAINFAS, Ronaldo. Colonização, miscigenação e questão racial: notas sobre equívocos e tabus da historiografia brasileira. **Revista Tempo**, v. 8, n. 3, p. 1-12, 1999.

Links das matérias disponíveis nos anexos: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/fac-simile/2020/11/21/index.shtml>. Acesso em: 05/06/2023.

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/fac-simile/2020/11/22/index.shtml>. Acesso em: 05/06/2023.

<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20201121-46421-nac-1-pri-a1-not>. Acesso em: 05/06/2023.

ANEXOS

FOLHA DE S. PAULO

DESDE 1921 ★★ UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

FOLHA100: FALTAM 90 DIAS

SÁBADO, 21 DE NOVEMBRO DE 2020

ANO 100 * Nº 33.470 * R\$ 5,00

DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA



Homem negro morre espancado por seguranças do Carrefour no RS

Assassinato é filmado por testemunhas e gera onda de protestos pelo país; rede diz que ato foi brutal e demite envolvidos

“Foi um episódio de racismo. Basta ver a força da agressão

Perdi a pessoa que mais amava. Amava minha mulher, que perdi há seis anos. Agora perdi meu filho
João Batista Rodrigues Freitas
pai de João Alberto

“Não, para mim no Brasil não existe racismo. Isso é uma coisa que querem importar, isso não existe aqui. Eu digo pra você com toda tranquilidade, não tem racismo
Hamilton Mourão
vice-presidente B2

PAINEL

Em caso de negro com deficiência, rede viu exagero

Por um caso em 2018, o Carrefour teve de pagar R\$ 26 mil a um homem negro com deficiência. Havia vídeos da agressão, mas a rede tratou a acusação como “exagerada”. Poder A4

Para maioria, pandemia deve piorar em 2021

Maioria dos eleitores de três capitais acha que haverá piora dos casos de Covid-19 em 2021, mostra Datafolha. O índice é de 65% de recifenses, 66% de paulistanos e 58% de cariocas. Neste caso, maior parte defende ainda fechar serviços não essenciais. Saúde B7

AUDIÊNCIA/MÉS

PÁGINAS VISTAS 176.292.687
VISITANTES ÚNICOS 34.419.037



João Alberto Silveira Freitas é espancado por seguranças em Carrefour de Porto Alegre; no alto, protestos pelo país Reprodução

Thiago Amparo
O corpo negro estendido no chão tem nome e rosto,
João Alberto B3

ANÁLISE
Fernanda Mena
Racismo começa a ser entendido como problema de todos B2

Jairo Malta
Nós não temos um minuto de paz nem sabemos o que significa B4

Dodó Azevedo
A direita do Brasil não sabe, mas Morgan Freeman mudou de ideia B4

Seis capitais estão com mais de 80% de lotação de UTIs

Diante do aumento de casos de Covid, a ocupação de leitos de UTI estaduais chega a 80% ou supera esse patamar em ao menos seis capitais, segundo levantamento da Folha. Estão nessa lista as três da região Sul mais Manaus, Rio e Vitória (esta com 87,8%). Saúde B7

EDITORIAIS A2

João Alberto
Sobre negro espancado até a morte em Porto Alegre.

Vícios de origem
Acerca de fragilidades eleitorais de Covas e Boulos.

Covas esbarra em jovens, e Boulos almeja mais pobres

A pouco mais de uma semana do segundo turno, Bruno Covas (PSDB) e Guilherme Boulos (PSOL) buscam superar resistências de grupos do eleitorado. O nican tenta ganhar terreno entre os jovens e vê o rival à frente na faixa até 24 anos e entre 25 e 34. Já o psolista perde entre os que recebem até dois salários mínimos. Poder A4

Veja erros e acertos dos 2 candidatos no debate da Band em SP A6

Ilustrada C1 Preto e branco

Entenda por que Frantz Fanon virou clássico ao estudar os efeitos do racismo

Ilustrada C6
Livrarias de rua se expandem e abrem lojas em meio à crise do coronavírus

Carreiras C8
Contratar negros é só o primeiro passo para transformar a cultura empresarial

Racismo tira dois anos de aprendizado de aluno preto

Estudo do Iede (Interdisciplinaridade e Evidências no Debate Educacional), a pedido da Folha, mostra que alunos pretos da rede pública, ao fim dos anos iniciais do fundamental, têm desempenho equivalente a dois anos a menos de aprendizado do que brancos.

Para especialistas, a diferença é resultado do menor acesso à educação infantil na população preta e da ausência de ações de apoio pedagógico específico para os estudantes. A desvantagem é vista inclusive no mesmo estrato social, até mesmo entre ricos. Cotidiano B5

Negros sofrem com escassez de doador de medula óssea Cotidiano B6

O corpo é arma política, afirma cofundadora do Juristas Negras A13

Associativismo cresceu como reação ao racismo e forma de afirmação A13

João Alberto Silveira Freitas, 40, foi espancado e morto na noite de quinta-feira (19) por dois seguranças de um supermercado Carrefour em Porto Alegre. Homem negro, morreu sob as vistas de testemunhas e teve seu assassinato filmado na véspera do Dia da Consciência Negra.

Lauda preliminar aponta asfixia como a causa mais provável da morte. Segundo a delegada que apura o crime, Roberta Bertoldo, os seguranças Magno Braz Borges e Giovane Gaspar da Silva ficaram em cima de Freitas quando o espancavam, dificultando sua respiração. Os homens, que trabalham para a empresa Vector, foram presos em flagrante por homicídio qualificado.

O Carrefour classificou a morte como “brutal” e disse que reverteu sua receita de ontem no país para projetos de combate ao racismo, romperá o contrato com a Vector e demitirá funcionários envolvidos.

O vídeo do assassinato se disseminou por redes sociais e gerou ondas de indignação e revolta em Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro, onde manifestações pelo Dia da Consciência Negra — a data não é feriado na capital gaúcha — ganharam corpo.

Um dos atos acabou em quebra-quebra e incêndio de uma unidade da rede em São Paulo. Cotidiano B1

O ESTADO DE S. PAULO

FUNDADO EM 1872 JULIO MESQUITA (1864 - 1947)

Sábado 21 DE NOVEMBRO DE 2020 R\$ 5,00 ANO 141 Nº 46421

estadão.com.br

Assassinato de homem negro provoca protestos pelo País

João Alberto Freitas foi espancado até a morte por vigias do Carrefour; polícia vai investigar motivação racial

João Alberto Silveira Freitas, um homem negro de 40 anos, foi espancado até a morte por dois homens brancos em um supermercado Carrefour, em Porto Alegre, na véspera do Dia da Consciência Negra. O laudo médico aponta morte por asfixia. Os assassi-

nos, um segurança do estabelecimen-

to e um policial militar temporário, serão indicados por homicídio triplamente qualificado: motivo fútil, impossibilidade de defesa e asfixia. Outras pessoas serão investigadas por omissão de socorro. Não está claro o que aconteceu antes do crime. Para o pai da vítima, houve motivação racial, o

que será investigado pela Polícia Civil. Imagens divulgadas ontem mostram Freitas sendo agredido com pelo menos 12 socos e o momento em que um dos vigias usa o joelho para imobilizá-lo. O crime provocou protestos e depredações de lojas do Carrefour pelo País. **METRÓPOLE / PÁGS. A20 e A22**

Salário médio em estatais chega a R\$ 31,3 mil, sem contar diretorias

Funcionários de estatais ganham salário médio de até R\$ 31,3 mil, segundo relatório do Ministério da Economia. O dado não leva em conta a remuneração de diretorias, de até R\$ 9,9 milhões por ano - caso da Petrobrás. Outro estudo, do Tribunal de Contas da União (TCU), mostra que setor público paga mais do que o privado em 86% dos casos. A remuneração média do brasileiro é de R\$ 2,5 mil. **ECONOMIA / PÁGS. B1 e B2**

6,3 mil mulheres tiveram um ou zero voto nas eleições

Das 173 mil mulheres que estavam aptas a disputar vaga de vereadora, 6,372 tiveram um ou nenhum voto, aponta levantamento. Especialistas avizalam que fato provoca suspeitas do uso dessas mulheres como "laranjas" para partidos cumprirem cota de 30% de candidaturas femininas. **POLÍTICA / PÁG. A4**

Covas fala em Lava Jato municipal; Boulos lança frente

Em troca do apoio de Joice Hasselmann, Bruno Covas (PSDB) disse que estuda fazer uma "Lava Jato municipal". Guilherme Boulos (PSOL) tenta nacionalizar disputa com alianças. Centros sindicais se dividem. **POLÍTICA / PÁG. A10**



Vandalismo. Manifestantes invadem loja do Carrefour em SP; houve protestos também em Porto Alegre e em outras cidades do País

Pfizer pede uso emergencial de vacina nos EUA

Farmacêutica entrou ontem com pedido de uso emergencial da vacina contra a covid nos EUA. A empresa informou que pode distribuir imunitante horas após a autorização. Não há informação sobre contato com a Anvisa. **METRÓPOLE / PÁG. A25**

Fernando Reinach

Já ficou claro que o Brasil não terá acesso imediato às duas vacinas eficazes, em grande quantidade, no curto prazo. **METRÓPOLE / PÁG. A28**

● A pandemia no Brasil (levantamento do consórcio de imprensa)

TOTAL DE MORTES	168.662
NOVOS REGISTROS DE MORTES EM 24H, ATÉ AS 20H DE ONTEM	521
MÉDIA MÓVEL DE MORTES (7 DIAS)	544
TOTAL DE TESTES POSITIVOS NOVOS CASOS DETECTADOS EM 24H, ATÉ AS 20H DE ONTEM	34.516
TOTAL DE RECUPERADOS*	5.422.102

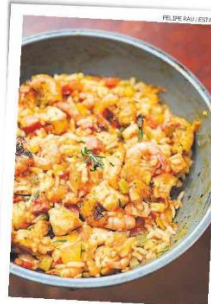
NA QUARENTENA

CINEMA TEM BAIXA PROCURA

Após 40 dias da reabertura, salas têm 7% do movimento. **PÁG. H1**

CHERMOULA, TEMPERO DA RESISTÊNCIA

Cozinheira põe o sabor africano no sobrenome. **PÁG. H3**



Trump amplia pressão a Legislativos estaduais

INTERNACIONAL / PÁG. A14

Lojistas tentam renegociar aluguel com alta de IGP-M

ECONOMIA / PÁG. B12

Esportes

'Segunda onda' no futebol

Pelo menos 54 jogadores e 4 técnicos estão com covid. **PÁG. A28**

NOTAS & INFORMAÇÕES

Uma vereança mais plural

A bancada feminina na Câmara Municipal paulistana foi ampliada para 13 vereadoras e corresponderá a 25% das 55 cadeiras. Ainda é pouco, mas é um avanço. **PÁG. A3**

Um governo perdido

Para buscar uma eventual reeleição, é preciso antes exercer de fato o mandato conquistado em 2018. **PÁG. A5**

Tempo em SP 13° Min. 24° Máx.



JHSF
apresenta

UM EMPREENHIMENTO ÚNICO PENSADO PARA SUA FAMÍLIA.

FASANO
CIDADE JARDIM

VEJA NAS PÁGINAS A16 e A17.

ESQUENTA BLACK FRIDAY

TODA A LINHA 0 km 2021

CONDIÇÕES E OFERTAS IMPERDÍVEIS

CAOA CHERY

VEJA NAS PÁGINAS 6 E 7.

QUALIDADE, TECNOLOGIA E DESIGN

FOLHA DE S. PAULO

DESDE 1921 ★★ UN JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

FOLHA100: FALTAM 89 DIAS

DOMINGO, 22 DE NOVEMBRO DE 2020

ANO 100 ★ Nº 33.471 ★ R\$ 7,00

#UseAmarelo pela Democracia

Bolsonaro ignora morte e minimiza o racismo

Jair Bolsonaro ignorou, em postagem na sexta e discurso ao G20 no sábado, o caso de João Alberto Freitas, negro assassinado por seguranças em Porto Alegre. O presidente minimizou o racismo e atacou "aqueles que instigam o povo à discórdia", uma referência aos protestos após a morte. **Mundo A18 e Cotidiano B4**

São negros dois em cada três policiais assassinados no país

Agentes pertencem ao grupo demográfico de vítimas de crimes violentos e atuam na linha de frente

Dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública mostram que a maioria (65,1%) dos 172 policiais assassinados em 2019, de folga ou em serviço, era negra. Uma junção de fatores explicaria o fato, diz o diretor da entidade.

O primeiro deles, segundo Renato Sérgio de Lima, seria o de os policiais negros morarem em bairros periféricos, onde também vive a maioria negra morta em ações policiais e a que é alvo de homicídios e latrocínios.

Oito em cada dez suspeitos mortos pelas forças de segurança são negros (79,1%), das vítimas de latrocínio e homicídio, são três em cada quatro (74,4%). "Os policiais negros moram onde moram os demais negros", afirma Lima.

"Eles e jovens que estão sendo mortos fazem parte do mesmo segmento socioeconômico e demográfico". O que leva a outro motivo para a estatística: agentes negros morrem mais, mesmo não sendo maioria na tropa.

Há mais negros entre os praças do que entre os oficiais, que exercem funções de comando. Subalternos das corporações são os que ficam na linha de frente e, portanto, mais expostos à violência do meio. **cotidiano B1**



Hashtag #VidasPretasImportam foi pintada por coletivo na av. Paulista, com apoio da Prefeitura de SP, em alusão ao assassinato do negro João Alberto Freitas no RS. **Bruno Santos/Folhapress**

Parentes de vítima reclamam de uso político do caso

Parentes e amigos de João Alberto Freitas, o negro morto por seguranças no RS, se queixam de partidos e entidades de esquerda, que teriam feito uso político do assassinato para fazer críticas ao governo Bolsonaro e para promover partidos. **Cotidiano B5**

Janio de Freitas Vice Mourão usou frase mais racista

"No Brasil não existe racismo". Essa é a mais racista das frases. Seu autor é o vice Hamilton Mourão. Considerar que existe racismo no Brasil é dizer que a discriminação social sofrida pela negritude é tratamento correto merecido pelos negros. **Poder A10**

Beto foi pai cedo, marido errático e filho presente

João Alberto Freitas, o Beto, morto por seguranças do Carrefour na quinta (19), foi pai entre 17 e 18 anos, e teve um segundo casamento turbulento, sendo preso por violência doméstica. Era filho próximo do pai e apaixonado por futebol. **Cotidiano B5**

ENTREVISTA Ciro Nogueira Bolsonaro é sonho de líder do centrão

Presidente do Progressistas, partido que teve um dos melhores resultados nas eleições, o senador Ciro Nogueira (PI) diz que o pleito foi "a volta da boa política" e que seria um sonho ter Jair Bolsonaro na sigla em 2022. **Poder A14**

PSL gasta 80% do fundo com candidato que não se elege

Pivô do escândalo das candidaturas laranjas em 2018, o PSL vive situação anômala também nas eleições deste ano. Com a segunda maior fatia do bilionário fundo eleitoral, direcionou mais de 80% dos recursos públicos para candidatos que não conseguiram ser eleitos.

Um grupo de quase 200 deles, a maioria mulheres e negros, declarou ter recebido ao menos R\$ 10 mil de verba, mas não registrou até agora ter feito qualquer tipo de gasto. Obtiveram menos de cem votos cada um. A legenda diz que o fundo não garante êxito. **Poder A4**

Mudança em lei facilita obtenção de cidadania a netos de portugueses A18

Empresas de moda esperam Black Friday morna e Natal caro A19

EDITORIAIS A2

Antes da vacina
Sobre riscos de nova piora no contágio da Covid-19.

Contas do passado
Acerca de longa pendência da União com os estados.

AUDIÊNCIA/MÊS

PÁGINAS VISTAS 176.292,687

VISITANTES ÚNICOS 34.419,037

ISSN 1668-0774

3 34 71

9 9771515 972018

Pandemia no Brasil

Brasil	Casos	Óbitos
Total	6 mi	168,7 mil
Ontem*	29,4 mil	544
Variação**	82,3%	54,1%

Estágio Estável

Estágios da pandemia
■ Acelerado
■ Estável
■ Desacelerado
■ Reduzido



Dados das 13h de 21 nov
 *Medida móvel de 7 dias
 **Em relação a 14 dias



A cantora lírica carioca Maria d'Apparecida. **Folhapress**

Ilustrada C1
Esquecida, cantora Maria d'Apparecida tem vida recuperada em livro e peça

Mpme p.1
Black Friday, nesta semana, é esperada como salvação do faturamento do ano

Ilustríssima C6

Lava Jato no tribunal

Estudos submetem o legado da operação a exame crítico, sugerindo que opção por métodos controversos minou a legitimidade de suas ações e inviabilizou reformas que poderiam ter efeitos mais duradouros que processos criminais para enfrentamento da corrupção no país.

Esporte B9
Tabela confusa do Brasileiro faz voltar a classificação por pontos perdidos

Audi e Estúdio Folha apresentam:

feel the future

Uma geração que aprendeu a olhar além de si mesmo com Marcus Nakagawa, escute o quinto episódio do podcast.

APÊNDICE

N	Jornal	Data	Título da Notícia	Materia de capa	Tipo de Publicação	Carater da Notícia
1	OESP	20/11/2020	Homem negro é espancado e morto por segurança e policial em Carrefour de Porto Alegre	Sim	Reportagem	Positiva
2	OESP	20/11/2020	RS: Homem negro é espancado até a morte em supermercado	Não	Reportagem	Indiferente
3	OESP	20/11/2020	Morte no Carrefour: "A gente gritava tão matando o cara, mas continuaram até ele parar de respirar"	Não	Reportagem	Positiva
4	OESP	20/11/2020	"Nós esperamos por justiça", diz pai de homem negro morto em carrefour de Porto Alegre	Não	Reportagem	Positiva
5	OESP	20/11/2020	Morte no carrefour, governo gaúcho promete apuração rigorosa e anuncia delegacia especializada	Não	Reportagem	Positiva
6	OESP	20/11/2020	Autoridades e famosos lamentam morte de homem negro no Carrefour; caso repercute fora do país	Não	Reportagem	Positiva
7	OESP	20/11/2020	Candidatos à prefeitura de Porto Alegre lamentam morte de João Alberto	Não	Reportagem	Positiva
8	OESP	20/11/2020	Nas redes sociais, usuários organizam boicotes e protestos contra Carrefour	Não	Reportagem	Neutra
9	OESP	20/11/2020	"Não existe racismo no Brasil", diz Mourão ao comentar morte de homem negro no RS	Não	Reportagem	Positiva
10	OESP	20/11/2020	Senador denuncia Carrefour a Conselho de Direitos Humanos por morte de homem negro	Não	Reportagem	Positiva
11	OESP	20/11/2020	Moro sobre morte em supermercado: 'Que os assassinos sejam punidos com rigor'	Não	Reportagem	Positiva
12	OESP	20/11/2020	Candidatos em Porto Alegre cobram medidas contra assassinato de homem negro	Não	Reportagem	Positiva
13	OESP	20/11/2020	Artistas refletem sobre Dia da Consciência Negra nas redes sociais	Não	Reportagem	Positiva
14	OESP	20/11/2020	"Um cara do bem, tranquilo, sempre disposto a ajudar", diz amigo de homem morto no Carrefour	Não	Reportagem	Positiva
15	OESP	20/11/2020	Moraes fala em obrigação implacável de combater o racismo	Não	Reportagem	Positiva
16	OESP	20/11/2020	Laudó médico aponta que João Alberto morreu por asfixia; polícia apura motivação racial	Não	Reportagem	Negativa
17	OESP	20/11/2020	"A última coisa que ele me disse foi: me ajuda", diz mulher de homem negro morto no Carrefour	Não	Reportagem	Neutra
18	OESP	20/11/2020	Morte de João Alberto foi por asfixia; delegada não ver "cunho racial"	Não	Reportagem	Negativa
19	OESP	20/11/2020	Justiça decreta prisão preventiva dos sois seguranças que espancaram homem negro no Carrefour	Não	Reportagem	Negativa
20	OESP	20/11/2020	Manifestantes de seis cidades protestam contra morte de João Alberto em unidades do Carrefour	Não	Reportagem	Positiva
21	OESP	20/11/2020	Richardison e marinho protestam contra o racismo: 'Sociedade preconceituosa'	Não	Reportagem	Positiva
22	OESP	20/11/2020	CEO global do Carrefour lamenta morte e cobra revisão do treinamento de funcionários	Não	Reportagem	Positiva
23	OESP	20/11/2020	Protestos contra morte de João Alberto ocorrem em várias cidades	Não	Reportagem	Positiva
24	OESP	21/11/2020	75% das vítimas de homicídios no Brasil são pretas e pardas	Não	Reportagem	Positiva
25	OESP	21/11/2020	Após morte de negro em supermercado, Bolsonaro diz ser daltônico: 'Todos têm a mesma cor'	Não	Reportagem	Neutra
26	OESP	21/11/2020	Mercado não enxerga em morte de negro relevância para impactar ação do Carrefour	Não	Reportagem	Negativa
27	OESP	21/11/2020	Há mais responsáveis no homicídio do Carrefour	Não	Opinião	Neutra
28	OESP	21/11/2020	Abílio Diniz fala que o assassinato de João Alberto no Carrefour foi uma 'enorme brutalidade'	Não	Opinião	Positiva
29	OESP	21/11/2020	Homem negro morto em Carrefour de Porto Alegre é enterrado na manhã deste sábado	Não	Reportagem	Neutra
30	OESP	21/11/2020	Problemas vão 'além de questões raciais', diz Bolsonaro	Não	Reportagem	Neutra
31	OESP	21/11/2020	Paulista amanhece pintada com frase 'Vidas Pretas Importam'	Não	Reportagem	Positiva
32	OESP	21/11/20	Para reitor da Universidade Zumbi dos Palmares, caso do Carrefour é exemplo de racismo estrutural	Não	Opinião	Positiva
33	OESP	21/11/20	Qual será o efeito do caso João Alberto nas urnas	Não	Opinião	Neutra
34	OESP	21/11/20	Sem citar João Alberto, Bolsonaro diz que há tentativas de importar tensões alheias à nossa história	Não	Reportagem	Negativa
35	OESP	21/11/20	No G20, Bolsonaro lê tuítes para negar racismo no Brasil	Não	Reportagem	Negativa
36	OESP	21/11/20	Empresa demite por justa causa seguranças envolvidos na morte de João Alberto no Carrefour	Não	Reportagem	Neutra
37	OESP	21/11/20	Hamilton protesta nas redes sociais contra assassinato em Porto Alegre: 'Outra vida negra perdida'	Não	Reportagem	Positiva
38	OESP	21/11/20	Ambev cobra carrefour por morte de homem negro em unidade da rede de supermercado	Não	Reportagem	Positiva
39	OESP	21/11/20	Movimento 'Black lives Matter' divulga apoio aos protestos no Brasil	Não	Reportagem	Positiva
40	OESP	21/11/20	Protesto contra o assassinato de João Alberto no Recife termina com spray de pimenta e prisão	Não	Reportagem	Neutra
41	OESP	21/11/20	Vídeo mostra João Alberto dando um soco em seguranças antes de ser brutalmente assassinado	Não	Reportagem	Neutra
42	OESP	22/11/20	Nosso Floyd, nosso Trump	Não	Opinião	Positiva
43	OESP	22/11/20	João Alberto e as urnas	Não	Opinião	Neutra
44	OESP	22/11/20	Fórum dos leitores	Não	Opinião	Positiva
45	OESP	22/11/20	Assassinato no Carrefour reforça necessidade de empresas investirem no combate ao preconceito	Não	Opinião	Positiva
46	OESP	22/11/20	Morto por espancamento no Carrefour, Beto Freitas era referência em torcida de clube do bairro	Não	Reportagem	Neutra
47	OESP	22/11/20	Após assassinato em Porto Alegre, protestos pelo Brasil pedem boicote à rede Carrefour	Não	Reportagem	Positiva
48	OESP	23/11/2020	Forúm dos Leitores	Não	Opinião	Positiva
49	OESP	23/11/2020	O caso João Alberto	Não	Opinião	Neutra
50	OESP	23/11/2020	Brasil cria estética de integração racial e na prática é segregador, diz pesquisador	Não	Opinião	Positiva

51	OESP	23/11/2020	Caso Carrefour: o punitivismo estatal e social vinculado ao racismo	Não	Opinião	Positiva
52	OESP	23/11/2020	Leitura do mercado para caso Carrefour parece ser que sociedade não se importa, diz economista	Não	Reportagem	Neutra
53	OESP	23/11/2020	Bolsa fecha em alta de 1%, mas ações do Carrefour têm forte queda; dólar sobe	Não	Reportagem	Neutra
54	OESP	23/11/2020	Precisamos falar (mais uma vez) sobre racismo	Não	Opinião	Positiva
55	OESP	23/11/2020	Undade do carrefour onde João Alberto foi morto reabre com movimento baixo e marcas de protesto	Não	Reportagem	Positiva
56	OESP	23/11/2020	Após assassinato de João Alberto, Carrefour anuncia fundo de R\$ 25 milhões de combate ao racismo	Não	Reportagem	Positiva
57	OESP	23/11/2020	Protesto no Carrefour de Porto Alegre termina em confronto entre manifestantes e polícia	Não	Reportagem	Negativa
58	OESP	23/11/2020	Fomecedores do Carrefour lançam coalizão para diversidade racial	Não	Reportagem	Positiva
59	OESP	23/11/2020	Após série de protestos pela morte de João Alberto, Carrefour tem maior baixa do Ibovespa	Não	Reportagem	Positiva
60	OESP	24/11/2020	Racismo e cidadania	Não	Opinião	Positiva
61	OESP	24/11/2020	PM atuou como segurança do Carrefour pela 1ª vez no dia do crime; empresa também afastou funcionária	Não	Reportagem	Negativa
62	OESP	24/11/2020	Outros casos de violência contra negros em supermercados não tiveram punição severa	Não	Reportagem	Negativa
63	OESP	24/11/2020	Editora suspende distribuição de livro em que CEO do Carrefour falava sobre combate ao racismo	Não	Reportagem	Positiva
64	OESP	24/11/2020	Ações do Carrefour para promover igualdade não foram suficientes para evitar tragédia	Não	Reportagem	Positiva
65	OESP	24/11/2020	Caso Ricoy: TJ aumenta pena e condena seguranças de supermercado por tortura	Não	Reportagem	Positiva
66	OESP	24/11/2020	Polícia prende fiscal do Carrefour por envolvimento na morte de João Alberto	Não	Reportagem	Positiva
67	OESP	24/11/2020	Fiscal do Carrefour é presa por envolvimento na morte de João Alberto	Não	Reportagem	Positiva
68	OESP	25/11/2020	A ignorância racista de Bolsonaro e Mourão	Não	Opinião	Positiva
69	OESP	25/11/2020	É importante estarmos todos na luta antirracista', disse CEO do Carrefour em livro antes de morte	Não	Reportagem	Positiva
70	OESP	25/11/2020	Defensoria entra com ação contra Carrefour e pede indenização de R\$ 200 milhões por assassinato de João Alberto	Não	Reportagem	Positiva
71	OESP	25/11/2020	Na reta final, Melo e Manuela polemizam sobre racismo em Porto Alegre	Não	Reportagem	Positiva
72	OESP	25/11/2020	Após morte no Carrefour, Senado aprova projeto para aumentar pena a crime cometido por discriminação	Não	Reportagem	Positiva
73	OESP	26/11/2020	Comitê de Seguranças Sem Preconceitos' lança protocolos para evitar violência e racismo em abordagem	Não	Reportagem	Positiva
74	OESP	26/11/2020	As lições que as empresas devem tirar da tragédia ocorrida no Carrefour	Não	Opinião	Neutra
75	OESP	26/11/2020	Protesto em Brasília lembra os 7 dias da morte de João Alberto	Não	Reportagem	Positiva
76	OESP	27/11/2020	Quando roubar não é crime (se você for branco)	Não	Reportagem	Positiva
77	OESP	27/11/2020	Conheça os relatos de quem já foi vítima de racismo ao fazer compras e se sentiu intimidado	Não	Reportagem	Positiva
78	OESP	27/11/2020	Morte no Carrefour: Ato com representantes de várias religiões homenageia João Alberto	Não	Reportagem	Positiva
79	OESP	27/11/2020	PM temporário nega motivação racista ao espancar João Alberto no Carrefour	Não	Reportagem	Neutra
80	OESP	28/11/2020	Uma sociedade à beira de alguma coisa	Não	Opinião	Positiva
81	OESP	28/11/2020	Ativistas pintam frase 'silêncio é apagamento' no Minhocão	Não	Reportagem	Positiva
82	OESP	29/11/2020	É falso que Manuela D'Ávila tenha liderado protestos no Carrefour em Porto Alegre	Não	Reportagem	Neutra
83	OESP	30/11/2020	Numa cidadania fruto do consumo, os negros são mortos na porta de supermercados	Não	Opinião	Positiva
84	OESP	30/11/2020	Imagem de grande incêndio em unidade do Carrefour foi tirada na Argentina em 2018	Não	Reportagem	Neutra
85	OESP	12/04/2020	Após morte de homem negro por espancamento, Carrefour anuncia fim da terceirização dos serviços de segurança	Não	Reportagem	Neutra
86	OESP	12/05/2020	Cegueira deliberada	Não	Opinião	Positiva
87	OESP	12/10/2020	Após racismo no Carrefour, Senado aprova projeto que pune abordagens motivadas por preconceito	Não	Reportagem	Positiva
88	OESP	12/11/2020	Polícia indiciou seis pela morte de João Alberto em Carrefour de Porto Alegre	Não	Reportagem	Neutra
89	OESP	12/11/2020	Polícia indiciou seis pela morte de João Alberto no Carrefour	Não	Reportagem	Neutra
90	OESP	15/12/2020	O que a crise no Carrefour ensina a estrategistas de comunicação ESG?	Não	Opinião	Neutra
91	OESP	17/12/2020	Promotora no Rio Grande do Sul denuncia seis por assassinato de homem negro no Carrefour	Não	Reportagem	Neutra
92	OESP	25/02/2021	Carrefour vai patrocinar proteção de reserva florestal em Rondônia	Não	Reportagem	Neutra
93	OESP	25/02/2021	Manifestações antirracistas podem impulsionar políticas afirmativas e reduzir desigualdades	Não	Opinião	Positiva
94	OESP	28/02/2021	Brasil e EUA ainda precisam promover a igualdade racial	Não	Opinião	Positiva
95	OESP	18/03/2021	Nem todo consumidor é protegido da mesma forma	Não	Opinião	Positiva
96	FSP	19/11/2020	Grupo Carrefour Brasil lança manifesto pela diversidade	Não	Reportagem	Neutra
97	FSP	20/11/2020	Homem negro morre após ser espancado por seguranças do Carrefour em Porto Alegre; veja cenas	Não	Reportagem	Positiva
98	FSP	20/11/2020	Amigos relatam ambiente hostil em mercado onde homem negro foi assassinado	Não	Reportagem	Positiva
99	FSP	20/11/2020	No dia da Consciência Negra, veja como clubes, atletas e Pelé se manifestaram	Não	Reportagem	Positiva
100	FSP	20/11/2020	Racismo me tirou a pessoa que mais amava, diz pai de homem assassinado por seguranças no Carrefour	Não	Reportagem	Positiva

101	FSP	20/11/2020	A direita no Brasil não sabe, mas Morgan Freeman mudou de ideia a respeito do racismo	Não	Opinião	Positiva
102	FSP	20/11/2020	No Brasil não existe racismo, é coisa que querem importar, diz Mourão sobre morte de Beto Freitas em Mercado	Não	Reportagem	Negativa
103	FSP	20/11/2020	Polícia diz que apurará motivação racial em assassinato de Beto Freitas no Carrefour	Não	Reportagem	Positiva
104	FSP	20/11/2020	Carrefour: Homem negro espancado até a morte na loja repercute entre famosos	Não	Reportagem	Positiva
105	FSP	20/11/2020	Grupo responsável por segurança do Carrefour tem três policiais entre sócios e atende Extra e Atacadão	Não	Reportagem	Neutra
106	FSP	20/11/2020	Âncora da GloboNews rebate Mourão: 'É de falas como essa que o racismo se alimenta'	Não	Opinião	Neutra
107	FSP	20/11/2020	Protestos contra o homicídio de João Alberto Silveira Freitas	Não	Reportagem	Positiva
108	FSP	20/11/2020	Coalização Negra quer que MPF investigue Carrefour por morte de Beto Freitas	Não	Reportagem	Positiva
109	FSP	20/11/2020	Marcha da Consciência Negra de SP tem ato contra homem espancado até a morte no Carrefour	Não	Reportagem	Positiva
110	FSP	20/11/2020	Casos de Violência contra negros no Brasil e nos EUA	Não	Reportagem	Positiva
111	FSP	20/11/2020	Un hombre negro muere tras ser golpeado por guardias de seguridad de Carrefour en Porto Alegre	Não	Reportagem	Positiva
112	FSP	20/11/2020	Black man dies after being beaten by Carrefour security guards in Porto Alegre	Não	Reportagem	Positiva
113	FSP	20/11/2020	Chega de repúdio, queremos justiça	Não	Reportagem	Positiva
114	FSP	20/11/2020	Assassinato de Beto Freitas expõe falhas de empresas em busca de diversidade, dizem especialistas	Não	Reportagem	Positiva
115	FSP	20/11/2020	No Brasil de Beto, como nos EUA de Floyd, racismo começa a ser entendido como problema de todos	Não	Opinião	Positiva
116	FSP	20/11/2020	Acobertamento de corpo e espancamento de cadela mostram histórico do Carrefour de minimizar morte	Não	Reportagem	Neutra
117	FSP	20/11/2020	Presidente global do Carrefour pede revisão do treinamento de funcionários	Não	Reportagem	Neutra
118	FSP	20/11/2020	Racismo: e eu comisso?	Não	Opinião	Negativa
119	FSP	20/11/2020	João Alberto	Não	Opinião	Neutra
120	FSP	20/11/2020	Assassinato em Porto Alegre é o assunto	Não	Opinião	Neutra
121	FSP	20/11/2020	Caso Carrefour é teste para índice de sustentabilidade no Brasil	Não	Reportagem	Neutra
122	FSP	20/11/2020	Carrefour alegou exagero e embriaguez de homem negro e deficiente agredido em 2018, mas foi condenado	Não	Reportagem	Positiva
123	FSP	21/11/2020	Bolsonaro ignora morte de Beto Freitas e diz que lugar de quem prega discordância 'é no lixo'	Não	Reportagem	Negativa
124	FSP	21/11/2020	Abílio Diniz chama de tragédia o assassinato de homem negro no Carrefour	Não	Opinião	Positiva
125	FSP	21/11/2020	Falas Negras', especial exibido pela Globo, é uma aula pra quem ainda nega o racismo no Brasil	Não	Reportagem	Positiva
126	FSP	21/11/2020	Tico Santa Cruz anuncia retirada de livros de sua autoria do Carrefour	Não	Reportagem	Positiva
127	FSP	21/11/2020	Corpo de Beto Freitas é sepultado no RS com a aliança do casamento que estava marcado para dezembro	Não	Reportagem	Neutra
128	FSP	21/11/2020	Velório de Beto Freitas, assassinado por seguranças do Carrefour em Porto Alegre	Não	Reportagem	Neutra
129	FSP	21/11/2020	Ao G20, Bolsonaro refuta debate racial, defende reforma na OMC e celebra combate à Covid	Não	Reportagem	Negativa
130	FSP	21/11/2020	Frase 'Vidas Negras Importam' é pintada na Avenida Paulista, em SP	Sim	Reportagem	Positiva
131	FSP	21/11/2020	Origem do Dia da Consciência Negra remonta a Porto Alegre em 1971	Não	Reportagem	Positiva
132	FSP	21/11/2020	Boulos rebate Mourão por fala sobre racismo e diz que vai recriar secretaria em SP	Não	Reportagem	Positiva
133	FSP	21/11/2020	Lewis Hamilton diz que está devastado pela morte de Beto Freitas	Não	Reportagem	Positiva
134	FSP	21/11/2020	Carrefour é desligado de Iniciativa Empresarial pela Igualdade Racial	Não	Reportagem	Neutra
135	FSP	21/11/2020	ONU Brasil diz que assassinato de Beto Freitas evidencia racismo no país	Não	Reportagem	Positiva
136	FSP	21/11/2020	Família de Beto Freitas critica uso político dos protestos pela sua morte	Não	Reportagem	Neutra
137	FSP	21/11/2020	Seguranças do Carrefour recorrem ao direito de ficar em silêncio	Não	Reportagem	Neutra
138	FSP	21/11/2020	Há racismo e também demofobia	Não	Opinião	Positiva
139	FSP	21/11/2020	No Brasil não existe racismo', fala de Mourão, é a mais racista das frases	Não	Reportagem	Positiva
140	FSP	21/11/2020	Beto Freitas foi pai precoce, filho presente e marido violento com a ex	Não	Reportagem	Neutra
141	FSP	22/11/2020	A família de Beto Freitas	Não	Reportagem	Neutra
142	FSP	22/11/2020	Debate racial requer bem mais que bons modos ou medidas para aliviar culpas	Não	Opinião	Positiva
143	FSP	22/11/2020	De fantasia de 'criança deportada' a ameaças, Carrefour acumula críticas fora do Brasil	Não	Reportagem	Neutra
144	FSP	22/11/2020	Un homme noir meurt après être passé à tabac par les vigiles d'un Carrefour à Porto Alegre	Não	Reportagem	Positiva
145	FSP	22/11/2020	Juíza e defensor relatam que mulher negra foi estropada e torturada em Carrefour no Rio em 2017 ou 2018	Não	Reportagem	Positiva
146	FSP	22/11/2020	Morte de Beto Freitas é ainda mais selvagem que caso de George Floyd, diz diretor da Zumbi dos Palmares	Não	Reportagem	Positiva
147	FSP	22/11/2020	Instituto pede a cassação do alvará de funcionamento do Carrefour onde Beto Freitas foi morto	Não	Reportagem	Neutra
148	FSP	22/11/2020	Defesa de segurança do Carrefour nega intenção de matar Beto Freitas ou motivação racista	Não	Reportagem	Negativa
149	FSP	22/11/2020	Para leitor, é preciso cobrar quem se beneficia do racismo	Não	Opinião	Positiva
150	FSP	22/11/2020	Vidas negras importam cada vez menos no Brasil mais perto de você	Não	Reportagem	Positiva

151	FSP	23/11/2020	Ações do Carrefour Brasil caem mais de 5% após assassinato de homem negro em loja no RS	Não	Reportagem	Neutra
152	FSP	23/11/2020	Carrefour de Porto Alegre reabre com poucos clientes, pichações e flores na porta	Não	Reportagem	Neutra
153	FSP	23/11/2020	Falas Negras' mostrou ótimos atores que poderiam ser mais bem aproveitados pela TV	Não	Reportagem	Neutra
154	FSP	23/11/2020	Ausência de rostos negros no jornalismo esportivo deveria incomodar	Não	Reportagem	Positiva
155	FSP	23/11/2020	Ações do Carrefour caem mais de 5% após assassinato de homem negro	Não	Reportagem	Neutra
156	FSP	23/11/2020	Doze fornecedores do Carrefour anunciam aliança em defesa da diversidade racial	Não	Reportagem	Positiva
157	FSP	23/11/2020	Ediouro suspende livro sobre racismo com presidente do Carrefour	Não	Reportagem	Neutra
158	FSP	23/11/2020	Coca-Cola se posiciona sobre o caso Carrefour: 'Não há lugar para o racismo no mundo'	Não	Reportagem	Positiva
159	FSP	23/11/2020	Carrefour anuncia fundo de R\$ 25 milhões para combate ao racismo no país	Não	Reportagem	Positiva
160	FSP	24/11/2020	Assassinato de negro no Carrefour mostra que país já está chegando ao limite	Não	Reportagem	Positiva
161	FSP	25/11/2020	Caso Carrefour Mostra a importância de levar o ESG a sério, dizem gestores	Não	Reportagem	Neutra
162	FSP	25/11/2020	Defensoria pede indenização de R\$ 200 milhões ao Carrefour pela morte de Beto Freitas	Não	Reportagem	Positiva
163	FSP	25/11/2020	Open banking deveria começar daqui um ano para evitar fraudes, diz presidente do Bradesco	Não	Reportagem	Neutra
164	FSP	25/11/2020	O que o crime no Carrefour revela sobre o mercado ESG no Brasil? Nada	Não	Reportagem	Neutra
165	FSP	26/11/2020	Comissão da Câmara que acompanha caso Carrefour ouvirá advogados negros sobre racismo estrutural	Não	Reportagem	Positiva
166	FSP	26/11/2020	Insegurança privada	Não	Opinião	Positiva
167	FSP	26/11/2020	O Brasil não é um país seguro para negros e negras nem na hora das compras	Não	Opinião	Positiva
168	FSP	28/11/2020	Frase 'Silêncio é apagamento' é inscrita no Minhocão por coletivo artístico	Não	Reportagem	Positiva
169	FSP	29/11/2020	É falso que Manuela D'Ávila tenha liderado protestos no Carrefour de Porto Alegre	Não	Reportagem	Neutra
170	FSP	30/11/2020	As lidianes e o preconceito arraigado na sociedade	Não	Reportagem	Positiva
171	FSP	30/11/2020	Bolsa sobe 24% em novembro e fica entre as dez melhores do mundo	Não	Reportagem	Neutra
172	FSP	12/01/2020	Antirracismo nas empresas	Não	Reportagem	Positiva
173	FSP	12/02/2020	Não há mediação', diz Coalizão Negra por Direitos sobre 'Comitê Externo de Diversidade e Inclusão' do Carrefour	Não	Reportagem	Positiva
174	FSP	12/02/2020	Antirracismo de sofá	Não	Reportagem	Positiva
175	FSP	12/04/2020	Carrefour anuncia que vai deixar de usar seguranças terceirizados	Não	Reportagem	Neutra
176	FSP	12/04/2020	Segurança privada acumula casos de abuso	Não	Reportagem	Neutra
177	FSP	12/06/2020	Vigilantes são o dobro do efetivo total das polícias no Brasil e estão se amando mais	Não	Reportagem	Neutra
178	FSP	12/08/2020	B3 e S&P removem Carrefour da índice que mede responsabilidade social e ambiental	Não	Reportagem	Neutra
179	FSP	12/09/2020	Apesar de exclusão de índice social, ações do Carrefour operam em alta	Não	Reportagem	Neutra
180	FSP	12/09/2020	Carrefour é suspenso do Instituto Ethos, de responsabilidade social	Não	Reportagem	Positiva
181	FSP	12/09/2020	Ações do carrefour fecham perto da estabilidade	Não	Reportagem	Neutra
182	FSP	12/10/2020	Senado aprova pena maior para agente de segurança que agir com violência por preconceito	Não	Reportagem	Positiva
183	FSP	12/10/2020	Segurança privada sem preconceitos	Não	Opinião	Positiva
184	FSP	12/11/2020	Câmara dos Deputados tem atuação negativa em agenda antirracista, aponta estudo	Não	Reportagem	Positiva
185	FSP	17/12/2020	Que profissionais de segurança queremos?	Não	Opinião	Neutra
186	FSP	20/12/2020	Nós não vamos esquecer	Não	Opinião	Positiva
187	FSP	21/12/2020	Setor privado tem oportunidade histórica para romper pacto racista	Não	Reportagem	Positiva
188	FSP	13/01/2021	Carrefour Brasil se valoriza com possível venda de matriz francesa e recupera perdas com assassinato de Beto Freitas	Não	Reportagem	Neutra
189	FSP	13/01/2021	Proposta de fusão de matriz francesa faz Carrefour recuperar perdas após morte de Beto Freitas	Não	Reportagem	Neutra
190	FSP	21/01/2021	Deuses ateus: buscando reconstruir afeto numa sociedade que vê o homem negro como ameaça	Não	Reportagem	Positiva
191	FSP	02/10/2021	Plataforma aproxima artistas e edifícios que querem receber grafites	Não	Reportagem	Neutra
192	FSP	02/10/2021	Senado ratifica Convenção Interamericana contra o Racismo	Não	Reportagem	Positiva
193	FSP	15/02/2021	Os meios de comunicação podem ser grandes aliados no Combate à desigualdade social	Não	Opinião	Positiva
194	FSP	18/02/2021	Carrefour Brasil lucrou R\$ 886 milhões no 4º trimestre de 2020	Não	Reportagem	Neutra
195	FSP	19/02/2021	A fé mobiliza a nossa indignação	Não	Opinião	Neutra